



FACULDADE CALAFIORI

**ELIANE DAMIÃO DA SILVA
ROSA MARIA TEODORO**

**A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EMBASADA NA
VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017**

ELIANE DAMIÃO DA SILVA
ROSA MARIA TEODORO

**A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EMBASADA NA
VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Me. Cláudio Manoel Person

Linha de pesquisa: História da Educação.

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017**

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EMBASADA NA VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador: Prof. Me. Cláudio Manoel Person

Professor Avaliador Me. César Clemente

Professora Avaliadora Ma. Marília de Souza Neves

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017**

“O Brasil age como se não houvesse mais possibilidade de descobrir novos caminhos. O país produziu o método Paulo Freire de alfabetização, que foi testado e se tornou famoso no mundo. Ele foi deixado de lado e, em vez de usar a cultura popular para melhorar o ensino, como propunha Paulo Freire, recorre-se às fórmulas estrangeiras, que nem sempre ajudam.” (THOMAS SKIDMORE apud SOUSA; ALMEIDA, 2012, p. 1).

RESUMO

SILVA, Eliane Damião; TEODORO, Rosa Maria. **A história da educação embasada na vida e obra de Paulo Freire**. São Sebastião do Paraíso, MG, 2016, 65 fls. Graduação em Pedagogia – Faculdade Calafiori.

O objetivo geral do trabalho é conhecer a História da Educação pelas mãos de Paulo Freire. Paulo Freire estudou com o auxílio da mãe, já mais velho. Apesar de cursar Direito, não obteve vontade de trabalhar no meio jurídico, principalmente quando se casou com a primeira esposa, Elza, a qual lhe mostrou como o meio educacional era fascinante e cheio de recompensas diante da alfabetização de crianças. Lutou muito para combater o analfabetismo no país, principalmente de jovens e adultos; os quais não tiveram a chance de estudarem no tempo certo. Escreveu inúmeras obras, traduzidas para vários países; obteve glórias e prêmios nacionais e internacionais. Portanto, um grande homem e educador. Desta forma, justifica o tema em função das autoras terem grande admiração por Paulo Freire e quererem pesquisar e estudar mais sobre o notável educador. Concluiu-se que a História da Educação brasileira possui um teor riquíssimo, principalmente quando se volta para Paulo Freire. Para o estudioso, o professor e o principal mediador entre o que aprender e o aluno, entretanto, o profissional para perpetuar uma educação de qualidade, deve primeiramente verificar a realidade, as experiências que o mesmo tem, em prol de conduzir o que ensinar e como ensinar. Esse preceito valendo tanto para crianças, como para jovens e adultos. Freire rebate a utilização de cartilhas, pelo fato de que os textos contidos nelas vêm com um contexto fora da realidade do aluno, não o motivando a ser conhecedor das letras, a querer expandir suas experiências. Atualmente, é possível a Educação seguir plenamente as teorias de Paulo Freire para que a mesma tenha mais qualidade, até porque as ideias do educador apesar de serem de décadas passadas, possuem um teor extremamente presente. Os recursos metodológicos para a pesquisa foram por meio de um levantamento bibliográfico.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação. Alfabetização. Analfabetismo. Jovens e adultos.

ABSTRACT

SILVA, Eliane Damião; TEODORO, Rosa Maria. **A história da educação embasada na vida e obra de Paulo Freire**. São Sebastião do Paraíso, MG, 2016, 65 fls. Graduação em Pedagogia – Faculdade Calafiori.

Keywords: The general objective of the work is to know the History of Education at the hands of Paulo Freire. Paulo Freire studied with the help of his older mother. Although he studied law, he did not want to work in the legal environment, especially when he married his first wife, Elza, who showed him how the educational environment was fascinating and full of rewards for children's literacy. He fought hard to combat illiteracy in the country, especially young people and adults; Who did not have the chance to study at the right time. He wrote numerous works, translated to several countries; Obtained national and international awards and honors. So a great man and educator. In this way, it justifies the theme because the authors have great admiration for Paulo Freire and want to research and study more about the remarkable educator. It was concluded that the History of Brazilian Education has a very rich content, especially when it comes back to Paulo Freire. For the scholar, the teacher and the principal mediator between what to learn and the student, however, the professional to perpetuate a quality education, must first verify the reality, the experiences it has, to drive what to teach and How to teach. This precept is valid for children, young people and adults alike. Freire refutes the use of booklets, because the texts contained in them come with a context outside the student's reality, not motivating him to be knowledgeable of letters, to want to expand his experiences. Nowadays, it is possible for Education to fully follow Paulo Freire's theories so that it is of a higher quality, even because the educator's ideas, despite being from decades past, have an extremely present content. The methodological resources for the research were through A bibliographic survey.

Keywords: Paulo Freire. Education. Literacy. Illiteracy. Young people and adults.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Movimento Tenentista.....	15
Figura 2 – Casa onde Paulo Freire nasceu.....	16
Figura 3 – Mãe de Paulo Freire.....	16
Figura 4 – Paulo Freire aos 10 anos.....	17
Figura 5 – Tropas alemãs avançando durante a Invasão da Polônia.....	19
Figura 6 – Paulo Freire na juventude.....	20
Figura 7 – Manifestação de populares nas ruas do Rio de Janeiro.....	21
Figura 8 – Primeira esposa de Paulo Freire.....	22
Figura 9 – Paulo, Elza, filhos e primos – 1951.....	22
Figura 10 – A cidade japonesa de Hiroshima devastada, em agosto de 1945.....	23
Figura 11 – Paulo Freire com sua segunda esposa.....	27
Figura 12 – Paulo Freire em um momento de lazer.....	28
Figura 13 – Manchete de Jornal da época sobre a morte de Paulo Freire.....	29
Figura 14 – Militares chilenos queimando livros.....	32
Figura 15 – Capa da obra “Pedagogia do Oprimido.....	34
Figura 16 – Capa da obra “Pedagogia da Indignação”.....	37
Figura 17 – Capa da obra “A Educação na Cidade”.....	39
Figura 18 – Capa da obra “Pedagogia da Esperança”.....	41
Figura 19 – Professora sim, tia não.....	42
Figura 20 – Cartas a Cristina.....	43
Figura 21 – À sombra desta mangueira.....	44
Figura 22 – Pedagogia da autonomia.....	45
Figura 23 – Aprendendo com a própria história.....	46

LISTA DE SIGLAS

CODI	Centro de Operações de Defesa Interna
DOI	Destacamento de Operações de Informação
MAPU	Movimento de Ação Popular Unitário
MOVA-SP	Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SESI	Serviço Social da Indústria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ESBOÇO BIOGRÁFICO DE PAULO FREIRE.....	15
2. AS OBRAS E PRÊMIOS DE PAULO FREIRE.....	31
3. AS IDEIAS DE PAULO FREIRE PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE.....	48
CONSIDERAÇÕES.....	58
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXO.....	65

INTRODUÇÃO

Eu Eliane Damião da Silva natural de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, residente no Bairro Morumbi, venho através desta singela apresentação relatar minha história acadêmica.

Iniciei meus estudos em 1998 na cidade de São Sebastião do Paraíso, onde realizei o Pré-escolar na creche Vinício Scarano. Após a conclusão do período, fui matriculada na Escola Municipal Interventor Noraldino Lima para a realização do Ensino Fundamental I, onde realizei por completo, sendo reconhecido como séries.

Fui para a Escola Estadual Comendadora Ana Cândida de Figueiredo para cursar o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, finalizando-o em 2009.

No ano seguinte até 2012, cursei o Normal do Magistério na Escola Estadual Clóvis Salgado, sendo que após a conclusão do mesmo iniciei a Faculdade de Pedagogia.

Eu Rosa Maria Teodoro natural de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, moradora do Bairro Jardim Europa, venho por meio deste, realizar uma pequena apresentação sobre minha história acadêmica.

Iniciei meus estudos em 1998 na pequena cidade de Itamogi, Minas Gerais, o Pré escolar, sendo que foi finalizado no município de nascimento na Escola Estadual Professora Inês Miranda de Almeida. Nesta Instituição também conclui o Ensino Fundamental I, na época sendo reconhecido como primeira série, segunda série, terceira série, e quarta série. Neste intervalo de cinco anos por alguns motivos familiares de moradia também tive a oportunidade de estudar em duas outras escolas municipais do município, sendo estas, Escola Municipal Ibrantina Amaral e Escola Municipal Wulfida Marcoline.

Após o término do Ensino Fundamental I voltei a Escola Estadual Professora Inês Miranda de Almeida para cursar a quinta, sexta, sétima e oitava. Escola esta, a qual tenho profunda admiração e reconhecimento pessoal.

Durante o Ensino Médio tive o prazer de estudar na Escola Estadual Comendadora Ana Cândida de Figueiredo no período noturno. Não havendo nenhuma repetição de ano educacional, conclui o ensino básico em 2009.

Também como formação acadêmica, realizei um Curso Técnico de Manipulação e Farmácia por um período de um ano e meio, além de iniciar a Faculdade de Administração de Empresas durante um semestre.

Não obtendo fascínio pelo Curso, desisti do mesmo e iniciei a Faculdade de Pedagogia no ano de 2013 tendo o propósito de trabalhar em função da educação de crianças. Durante o Curso adquiri uma grande admiração por toda a Pedagogia e Método de Paulo Freire, o qual considero o mestre dos mestres tanto por sua inteligência, como por sua vontade de fazer desse país uma nação, na qual o povo deveria ser conhecedor das letras.

A História da Educação vem se adaptando de acordo com a história vivenciada pelo homem. Na época dos jesuítas, primeiros professores do Brasil, a Educação era transmitida sem maiores preocupações técnicas ou de formação profissional. Com a chegada da República, havia a pedagogia autoritária, na qual não havia interação entre professor e aluno, mas sim algo pronto e acabado.

No século XX, por meio de Paulo Freire, professor e aluno foram colocados no mesmo nível de igualdade, porque Freire acreditava que todo homem é ser finito, inacabado. Desta forma, não existe alguém totalmente educado, terminado, capaz de atuar, sobre os outros; há apenas seres em diferentes fases de maturação, e que, portanto devem buscar ser mais. Em conjunto, num espaço físico determinado, num tempo preciso. Para ele, é preciso que a educação ajude o homem a se perceber como ser histórico, como o que modifica a realidade. Mas, para que a educação desempenhe esta tarefa é preciso que seja realmente uma situação de sujeitos, isto é de seres atuantes.

Paulo Freire utiliza em suas teorias a palavra “conscientização” para esta forma de conhecimento que é a educação.

O professor é aquele que não pratica o seu trabalho de forma metódica, como se fosse o dono da verdade, mas sim, busca por novos conhecimentos a cada dia, por meio de formação continuada; até porque a diversidade em sala de aula é grandiosa.

No cenário mundial, a Educação vem sendo discutida pela Organização das Nações Unidas (ONU) que procura estruturar, reformular e integrar metas que asseguram uma educação de qualidade até 2030, fazendo com que ocorra mais concessão a respeito da Educação Infantil, a finalização dos alunos que estão na Educação Básica, a expansão da capacidade dos adultos em escrita e matemática, assim como no Ensino Médio; desenvolvimento de competências por parte de jovens e adultos, o aumento de educadores preparados e especializados, além da estimulação a uma Educação cidadã direcionada para o desenvolvimento sustentável e melhoria de uma cultura de paz (HADDAD; SIQUEIRA, 2014).

Quanto ao cenário nacional, a sociedade a cada dia vem adquirindo complexidade. Surgem e logicamente disputam com os que já existiam, como por exemplo, novos postos de

trabalho, novos grupos estruturados, como novas forças políticas e imensa modificação institucional, assim como a finalização de outros. Tudo isso, passa a instigar as instituições escolares, pelo fato de que as imposições do mundo do trabalho, da sociedade, da política e da cultura, se voltam mais e mais vinculadas com as informações e as competências adquiridas nas escolas.

O próprio sistema educacional se torna complexo e se diverge, demandando a participação mais minuciosa de seus sujeitos e de indivíduos nele interessados.

De acordo com Mioranza e Roësch (2010, p. 3), “sabe-se que a escola tem função educativa e a responsabilidade de transmitir conhecimentos sistematizados, então na tentativa de não discriminar acaba por trabalhar as diferenças”. Além do que, a escola não tem conscientizado o aluno a perceber a realidade social, pelo contrário às vezes até mascara.

A escola brasileira deve se conscientizar que cada aluno apresenta diferentes modos de aprender, ritmos e maturidades também diferentes; desejos e vontades, estilos e métodos diferenciados. O professor nunca pode esperar uma sala de aula homogênea, como o mesmo busca, pois o trabalho dele frente ao ensino-aprendizagem seria ultra facilitado, mas, dispor para que essa diversidade se enquadre dentro e fora da sala de aula, produzindo algo benéfico para todos.

O professor além de trabalhar a diversidade que se instala na escola devido a uma sociedade tão complexa, pode trabalhar a conscientização do aluno, como bem pensava Freire. Essa conscientização faria com que o aluno percebesse a realidade social que vive, e conseqüentemente seria um crítico da realidade da sociedade em geral.

A educação é assim práxis social, isto é, modificação do modo de perceber a realidade, mas também ação sobre as estruturas sociais. É a educação o momento de uma reflexão que parte de uma realidade concreta e onde se organiza um projeto de ação, que deverá converter-se em ação efetiva sobre a realidade (FREIRE, 1993).

A finalidade da Pedagogia de Paulo Freire é conscientizar, a educação é o momento em que o homem se realiza como ser da prática, capaz de refletir e de agir, e isto feito de modo ininterrupto; o homem atua no mundo e, devido a sua atuação, transforma o mundo e se transforma, porque desenvolve suas potencialidades. A educação é processo nunca terminado, é processo permanente de libertação.

Paulo Freire considera que são necessárias duas condições básicas para o desenvolvimento: que o ponto de decisão esteja no próprio país e este movimento de busca, de criatividade, de solução dos próprios problemas deve ser feito no próprio espaço e no próprio tempo da sociedade que se desenvolve, e, portanto, segundo as suas necessidades de

progresso, de transformação, de evolução própria. Paulo Freire vendo a educação como processo humano, está consciente dos seus condicionamentos, principalmente os políticos (FREIRE, 1993).

Educar é conscientizar e isto jamais significará exercitar alguém para desempenhar corretamente certas habilidades apenas.

Após exposição de breves comentários, destaca-se a problematização, a qual será estudada no decorrer da pesquisa: é possível a Educação atual seguir plenamente as teorias de Paulo Freire para que a mesma tenha mais qualidade?

O Brasil é a oitava maior economia do mundo, e mesmo assim, entre 130 países pesquisados pelo Relatório Sobre o Capital Humano, estudo do Fórum Econômico Mundial sobre a qualidade na educação, o país ficou em 83º devido à má qualidade da Educação Básica, em que está vinculado alunos de 0 a 14 anos de idade. Essa pesquisa teve como foco a capacidade de o aluno sair bem preparado do ciclo primário de ensino (GUIMARÃES, 2016).

Não há nada pronto e acabado para que o professor trabalhe com essa clientela, pois o educador deve observar no dia a dia de suas aulas, como essa criança ou esse adolescente se comportam para assim reavaliar o seu planejamento, realizar o seu plano de aula; entretanto ele pode se embasar em princípios interessantes e enriquecedores, como a da Pedagogia de Paulo Freire, que ainda está tão atual na área educacional.

Justifica-se o tema em função das autoras terem grande admiração por Paulo Freire e quererem pesquisar e estudar mais sobre o notável educador, até porque a educação brasileira, do ponto de vista das mesmas, necessita se embasar mais na pedagogia e Método dele, para que ocorra mais qualidade diante de tamanha diversidade cultural que se apresenta nas salas de aula.

Apresenta-se como objetivo geral: conhecer a História da Educação pelas mãos de Paulo Freire. E como objetivos específicos: estudar e apresentar a vida de Paulo Freire; revelar o que é realmente Educação e apontar as teorias de Paulo Freire para se ter hoje uma educação de qualidade.

A metodologia escolhida para este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica voltada a Paulo Freire.

“Da revisão da literatura depende, muito da teoria que se desenvolve no esclarecimento dos fatos que se estudam. Às vezes, a teoria de um autor expressa em alguma obra fundamental serve de apoio para a análise de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.100).

Para Minayo (2010, p. 31), “a revisão bibliográfica é construída com as várias fontes pesquisadas, sendo uma discussão entre os autores da qual resulta uma consideração final”.

Cervo e Bervian (2009, p. 51) revelam que:

[...] a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas. Como resumo de assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica.

Na pesquisa foram utilizadas várias imagens “com o objetivo de retratar as particularidades da situação ou do fato que apresentam” (PENTEADO, 1991), aqui no caso de Paulo Freire.

Como explica Etcheverry et al., (2012, p. 9) a utilização de imagens nos estudos “propõem um olhar sobre o mundo, mediando a nossa compreensão da realidade e inspirando modelos de ação social”.

O trabalho foi retratado em três capítulos. No primeiro estudou-se sobre a vida de Paulo Freire, realizando uma correlação com os acontecimentos históricos da época; já no segundo explanou-se sobre as principais obras do educador e seus prêmios nacionais e internacionais e no terceiro capítulo apontou-se as ideias de Freire para que a educação de crianças, jovens e adultos seja de mais qualidade e motivação por parte dos mesmos. Dentre as ideias de Freire estão trabalhar o educando por meio de sua realidade e experiências de vida, até porque para o educador essa é a base de uma Educação de verdade e com qualidade. Nada de cartilhas com textos prontos e contexto fora da realidade do educando.

1. ESBOÇO BIOGRÁFICO DE PAULO FREIRE

No Brasil no início da década de 20 ocorriam inúmeros movimentos sociais urbanos. Um deles, o mais famoso foi o Movimento Tenentista (1922-1926). Este Movimento se iniciou em 05 de julho de 1922 quando jovens oficiais do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, se rebelaram contra as tropas do governo. De dezoito, apenas dois sobreviveram.

Figura 1 – Movimento Tenentista



Fonte: Zeviani, 2014.

Ocorria em 1922, a Semana de Arte Moderna em São Paulo, onde literatos, arquitetos, escultores, pintores e intelectuais expuseram sua arte.

Nesta época, o presidente do Brasil era Arthur Bernardes¹, e o poderio econômico se fazia forte devido a exportação do açúcar, café, algodão.

O mundo se encontrava em constantes mudanças, um período em que a sociedade sofria inúmeras transformações, modernidade voltada à eletricidade, rádio, telefone,

¹ Tornou-se presidente da república em 1922. Durante a sua campanha à presidência destaca-se o episódio das “cartas falsas” a ele atribuídas, com a finalidade de incompatibilizá-lo com as forças armadas. Seu mandato presidencial foi cumprido em ambiente político tenso, governando praticamente sob estado de sítio e sob a ameaça revolucionária do movimento tenentista. Enfrentou grave crise econômico-financeira, mas reorganizou o crédito bancário, realizou a reforma do ensino, criou o conselho nacional do trabalho, instituiu lei de imprensa e propôs uma divisão nos códigos penal e comercial. Apesar da oposição da sociedade, terminou o seu mandato fiel a seu objetivo de assegurar a qualquer preço a ordem (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 2016, p. 1).

informações, cinema; um desenvolvimento industrial e capitalista grandioso, além do fim da Primeira Guerra Mundial (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Diante de tudo isso, nascia em 19 de setembro de 1921, no Brasil, na cidade do Recife no estado de Pernambuco, em uma casa modesta (Figura 2) na estrada do Encanamento, número 724, Bairro da Casa Amarela, Paulo Reglus Neves Freire.

Figura 2 – Casa onde Paulo Freire nasceu



Fonte: Projeto Memória, 2016.

Paulo Freire cujo pai era o Senhor Joaquim Temístoles Freire, nascido no Rio Grande do Norte, oficial da Polícia Militar de Pernambuco, bondoso, inteligente; e a mãe Senhora Edeltrudes Neves Freire (FIGURA 3), nascida em Pernambuco, católica fervorosa e uma boa mulher (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Figura 3 – Mãe de Paulo Freire



Fonte: Projeto Memória, 2016.

Freire (1980, p. 14) exalta os pais:

Com eles aprendi o diálogo que procuro manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos. O respeito de meu pai pelas crenças religiosas de minha mãe ensinou-me desde a infância a respeitar as opções dos demais.² Recordo-me ainda hoje com que carinho escutou-me quando disse-lhe que queria fazer minha primeira-comunhão. Escolhi a religião de minha mãe e ela auxiliou-me para que a eleição fosse efetiva. As mãos de meu pai não haviam sido feitas para machucar seus filhos, mas sim para ensinar-lhes a fazer coisas.

Com apenas 10 anos de idade, Paulo Freire e a família se mudaram para Jaboatão, pequena cidade próxima à Recife. Esta mudança se deu devido a crise econômica de 1929, pelo fato de que seus pais achavam que em uma cidade menor, a sobrevivência deles seria facilitada.

Figura 4 – Paulo Freire aos 10 anos



Fonte: Projeto Memória, 2016.

Foi justamente em Jaboatão que Freire sentiu a dor que o marcaria para o resto da vida: a morte de seu querido pai.

Freire (1980, p. 14) conta suas dores e prazeres:

² As diferenças dos demais, ou seja, cada pessoa vive como quer e dentro de suas possibilidades.

Em Jaboatão perdi meu pai. Em Jaboatão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive “minha primeira iluminação”: um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir... Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.

Foi uma época sofrida, na qual Freire teve experiências de luta, vendo sua mãe viúva, com dificuldades, enfrentar a vida para criar seus quatro filhos.

Ao ingressar no primário, Freire já sabia ler e escrever, graças aos ensinamentos de sua mãe. Diante disso, vê-se que sua alfabetização foi relacionada a experiências trazidas de sua casa, a vivências, ensinamentos que foram responsáveis pela formação do menino que se tornaria o mais célebre educador brasileiro, reconhecido internacionalmente pelo método de alfabetização de adultos. Entretanto, o menino Freire ainda tinha muitas dificuldades na ortografia, como ele mesmo revela: “Com dificuldades enormes fiz meu exame de admissão ao ginásio aos 15 anos, quando ainda escrevia rato com dois rr” (FREIRE, 1980, p. 14).

E ainda narra como foi difícil ele conseguir ingressar no ginásio:

Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano de ginásio com 16 anos. Idade com que os meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na faculdade. Fiz esse primeiro ano de ginásio num desses colégios privados, em Recife; em Jaboatão só havia escola primária. Mas minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir um colégio que me recebesse com uma bolsa de estudos. Finalmente ela encontrou o Colégio Osvaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluizio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma senhora extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender ao pedido de minha mãe”. (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Diante de todo o pedido de sua mãe, Paulo Freire conseguiu estudar no Colégio Osvaldo Cruz, sendo bolsista e valorizando todo o sacrifício sendo um excelente aluno, apesar do atraso de ingresso ao período.

No mesmo período que Freire ingressou no Colégio Osvaldo Cruz, teve início em 1º de setembro de 1939, a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a invasão do exército alemão a Polônia por meio de aviões e tanques blindados (BOLZAN, 2016).

Figura 5 – Tropas alemãs avançando durante a Invasão da Polônia



Fonte: Gonçalves, 2016.

Enquanto o início da Segunda Guerra Mundial se dava, essa fase da vida de Freire foi de descobertas, foi bonita, tão marcante, que lhe deixou lembranças:

[...] sua primeira professora Dona Eunice Vasconcelos (1909-1977), com grande afeto diz-se nunca ter se esquecido dela quando o ensinou, estava com seus 16, 17 anos e o apresentou “como é bonita a maneira de que a gente tem de falar” (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

E à medida que Paulo Freire ia crescendo, ia adquirindo mais conhecimentos, além de vivências que usaria em sua fase adulta.

Estava com 20 anos (FIGURA 6), quando realizava o Curso pré-jurídico, sendo que neste período lia “Serões Gramaticais”, de Carneiro Ribeiro, a “Réplica” e a “Tréplica” de Rui Barbosa, além de alguns gramáticos portugueses e nacionais. Também iniciou seus estudos em Filosofia e Psicologia da Linguagem e ministrava aulas no ginásio. Com todos esses afazeres, Freire ainda lia obras da Literatura nacional e estrangeira (FREIRE, 1980).

Freire com o dinheiro que ganhava como professor ginásial, ajudava os irmãos mais velhos a sustentar a família, além de que amava o que fazia.

Figura 6 – Paulo Freire na juventude



Fonte: Projeto Memória, 2016.

Diante do que se expressa acima, em 31 de agosto de 1942, o Brasil declarava guerra a três países: Itália, Japão e Alemanha. O Brasil iniciou sua participação na Segunda Guerra Mundial:

Após o ataque japonês contra Pearl Harbour e a entrada dos Estados Unidos na guerra, o conflito mundial tinha-se aproximado das costas do continente americano. Embora sendo um país neutral, o Brasil tinha relações com os Estados Unidos e grande parte do seu comércio exterior era feito com aquele país da América do Norte. Ao final da tarde de Quarta-feira dia 22 de Agosto de 1942, o presidente brasileiro Getúlio Vargas, assina um decreto presidencial em que o Brasil reconhece a existência de um estado de beligerância. A declaração, foi transmitida pela rádio brasileira às 20:00 desse mesmo dia. A beligerância implicava que o Brasil deixava de ser um país neutro, e que embora decidisse não atacar a Alemanha, estava livre para apoiar os aliados (ÁREA MILITAR, 2016).

Ao Brasil entrar na Guerra houve muitos protestos contra o governo da época, Getúlio Vargas, pois de acordo com os cidadãos o Brasil não estava preparado para lutar com a temida Alemanha de Hitler.

Figura 7 – Manifestação de populares nas ruas do Rio de Janeiro



Fonte: ÁREA MILITAR, 2016.

Em meio a tantas questões políticas e sociais o Brasil e o mundo caminhavam não para a resolução de forma pacífica, mas por meio da guerra. Esse era o período pelo qual Freire, em meio a tantos afazeres, acabou se afastando da Igreja, decisão que deixou sua mãe muito triste, pois era uma católica devota.

Nesta época, devido às distâncias, que, ingenuamente, não podia compreender, entre a vida mesma e o compromisso que ela exige, e o que diziam os padres nos seus sermões dominicais, afastai-me da Igreja – nunca de Deus – por um ano, com o profundo sentimento de minha mãe. Voltei a ela através, sobretudo, das sempre lembradas leituras de Tristão de Atayde, por quem, desde então, nutro inabalável admiração. A estas imediatamente se juntariam as leituras de Maritain, de Bernanos, de Mounier e outros (FREIRE, 1980, p. 14/15).

Terminados os estudos secundários, com 22 anos de idade, Freire iniciou na Faculdade de Direito do Recife.

Aos 23 anos de idade, no ano de 1944, Freire se casou com Elza Maia Costa Oliveira (FIGURA 8), pernambucana do Recife, cinco anos mais velha, católica, professora primária e alfabetizadora.

Figura 8 – Primeira esposa de Paulo Freire



Fonte: Acervo Paulo Freire, 2016.

Com Elza, Freire teve cinco filhos: Maria Madalena Costa Freire, Maria Christina Costa Freire, Maria de Fátima Costa Freire (FIGURA 9), Joaquim Costa Freire e Lutgardes Costa Freire (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Figura 9 – Paulo, Elza, filhas e primos – 1951.



Fonte: Barreto, 2011.

Freire (1980, p. 15) escreveu:

À Elza, professora primária e, depois, diretora de escola, devo muito. Sua coragem, sua compreensão, sua ajuda nunca negada, e sequer solicitada (presente e necessidade de ajuda), me têm sempre sustentado nas mais problemáticas situações (FREIRE, 1980, p. 15).

Foi depois de se casar que Freire deu início as suas ideias a respeito dos problemas educacionais. Praticamente estudava mais Educação, Sociologia e Filosofia que o Direito, sendo visto, por ele mesmo como um aluno médio.

Após se formar em Direito foi trabalhar com dois colegas da faculdade, entretanto não conseguiu se firmar como profissional:

Abandonei o direito depois da primeira causa, um assunto de dívida. Após falar com o jovem dentista, devedor tímido e vacilante, deixei-o ir em paz, que passe sem mim, que prescindia do advogado; sentia-me muito feliz por não o ser daí por diante (FREIRE, 1980, p. 15).

Diante de tudo que Paulo vivia no Brasil, a Segunda Guerra Mundial terminou em 02 de setembro de 1945. Antes do término, o mundo presenciou o que se pode chamar da maior catástrofe realizada pelo homem, para o homem: o lançamento das bombas atômicas nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, pelos Estados Unidos em duas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki pelo avião bombardeiro B-29 “Enola Gay”, em que muitas pessoas morreram, sendo que 80 mil instantaneamente; e outras ficaram feridas em meio a um terror (NOGUEIRA, 2013).

Figura 10 – A cidade japonesa de Hiroshima devastada, em agosto de 1945.



Fonte: ACERVO O GLOBO, 2014.

Após tão doloroso acontecimento, o mundo caminhou para se reerguer de tantas perdas humanas e econômicas. Enquanto isso, Freire abandonou a profissão, a qual se formara, logo na primeira causa, indo trabalhar em um departamento de serviço social, dando início ao seu diálogo com o povo.

Depois do emprego acima, Freire foi Diretor do SESI, Departamento de Educação e de Cultura e após na Superintendência, sendo que nesta fase, ele estava vivenciando suas primeiras experiências, a qual o conduziu a iniciar em 1961 seu método de ensino.

Trabalhando num departamento de Serviço Social, se bem que do tipo assistencial – SESI -, repeti meu diálogo com o povo, sendo lá um homem. Como diretor do Departamento de Educação e de Cultura do SESI, em Pernambuco, e depois na Superintendência, de 1946 a 1954, fiz as primeiras experiências que me conduziram mais tarde ao método que iniciei em 1961. Isto teve lugar no movimento de Cultura popular do Recife, um de cujos fundadores fui, e que mais tarde teve continuidade no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife; coube-me ser seu primeiro diretor (FREIRE, 1980, p. 15).

Como se pode verificar Freire teve cargos de extrema importância, todos na área da Educação. Além disso, fundou em 1950, o Instituto Capibaribe, o qual está em perfeito funcionamento e considerado como uma Instituição Educacional renomada.

Foi neste período, que na manhã de 24 de agosto de 1954, depois de escrever uma carta-testamento, Getúlio Vargas se suicidou. Essa foi a forma que Vargas encontrou de “puxar a toalha do banquete” de seus adversários. De fato, seu suicídio provocou intensas manifestações populares nas grandes cidades, onde milhares de pessoas, emocionadas, saíram às ruas em sinal de luto e de protesto. Munidos de paus, os populares atacavam a sede dos jornais antigetulistas. Em São Paulo, os operários se declararam em greve e realizaram passeatas pelo centro da cidade. No Rio, uma multidão imensa concentrou-se nos arredores do palácio, onde se velava o corpo de Vargas (CARMO, 2002).

Nos anos que Freire se estabeleceu no SESI e na Superintendência foi concretizando suas ideias quanto ao Movimento de Cultura Popular de Recife, no qual foi um dos fundadores.

Rapidamente, as ideias de Freire foram colocadas em prática, levando a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, estruturada pelo prefeito de Natal, naquele período. No final da década de 50 havia 40 milhões de brasileiros analfabetos.

Outro feito envolvendo Freire, relacionado a educação popular, foi a experiência pela qual ele foi o protagonista, durante os meses de janeiro a março de 1963, quando 300

trabalhadores rurais foram alfabetizados num período de 45 dias (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Foi uma época produtiva para a educação popular, tanto que Paulo Tarso, Ministro da Educação no governo de João Goulart, em 1963, o convidou para empossar como coordenador do Programa Nacional de Alfabetização. Neste momento, Freire pode realmente ampliar suas ideias com a meta de alfabetizar 5 milhões de adultos (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Entretanto, eis que chegou 1964, fazendo com que houvesse regressão na educação popular. O período de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985 foi chamado de regime militar, que perdurou por vinte e um anos, no qual “a sociedade passou a sofrer as consequências de um regime arbitrário, autoritário e repressivo” (AMBRÓSIO, 2010).

O golpe militar que derrubou João Goulart na noite de 31 de março de 1964 foi festejado por muitos brasileiros como a derrota do comunismo e a vitória da liberdade e da democracia. Essa visão política ia ao encontro de uma maioria há tempos difundida pelos militares golpistas, em sua maioria vinculados à Escola Superior de Guerra (RODRIGUES, 2002).

Diante do Golpe Militar, início da ditadura, Freire foi preso no Brasil pelo período de setenta dias passando por momentos tristes e doloridos.

Após a prisão, Freire exilou-se primeiramente na Bolívia, ficando por lá num período curto, pelo fato de que o País também estava envolvido em questões políticas, além da altitude que não lhe fazia bem.

O golpe de Estado (1964) não só deteve todo este esforço que fizemos no campo da educação de adultos e da cultura popular, mas também levou-me à prisão por cerca de 70 dias (com muitos outros, comprometidos no mesmo esforço). Fui submetido durante quatro dias a interrogatórios, que continuaram depois no IPM do Rio. Livre-me, refugiando-me na embaixada da Bolívia em setembro de 1964. Na maior parte dos interrogatórios a que fui submetido, o que se queria provar, além de minha “ignorância absoluta” (como se houvesse uma ignorância ou sabedoria absolutas; esta não existe senão em Deus), o que se queria provar, repito, era o perigo que eu representava. Fui considerado como um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”, “Nega o senhor – perguntava um dos juízes – que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini: nega o senhor que com seu pretendido método o que quer é tornar bolchevique o país:...” (FREIRE, 1980, pp. 15-16).

Após Bolívia, Freire foi para o Chile, Estados Unidos, Genebra, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, Austrália, Itália, Nicarágua, Ilhas Fiji, Índia e Tanzânia, sendo que em

todos os países, trabalhou em prol da educação (PROJETO MEMÓRIA, 2016). Neste período também finalizou a obra “Ação Cultural para a Liberdade” e escreveu duas de suas obras mais destacadas e renomadas, “Educação Como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido” (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Freire vivia nos países supracitados como renomado educador, em seu país em agosto de 1974, o presidente da República, general Ernesto Geisel anunciava uma “lenta, gradativa e segura distensão”. A partir daqui ocorreu efetivamente uma abertura política, embora prosseguissem os atentados aos direitos humanos e à liberdade de imprensa (NASCIMENTO, 2010).

Segundo Vicentino (2001, p. 608), “outra vítima da violência do regime no período Geisel foi o jornalista Vladimir Herzog, diretor do Departamento de Notícias da TV Cultura de São Paulo foi chamado para prestar depoimento junto ao DOI-CODI e acabou morrendo num dos quartéis do Segundo Exército”.

E praticamente dezesseis anos após partir do Brasil, Freire resolve voltar. Entretanto, não conseguiu o seu passaporte de forma tão fácil, precisou de um mandato de segurança (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

E em junho de 1980, em meio à ditadura, Freire chega ao Brasil. Mas, a decisão de defender a retomada da democracia iniciou-se profundamente quando a Folha de São Paulo (1978 apud PIRES, 2010) afirmava que:

[...] se a situação política e seus possíveis desdobramentos se apresentam hoje em traços obscuros e indefinidos, torna-se por outro lado cada vez mais evidente o corte vertical que separa uma sociedade em emergência, modernizadora e reivindicante, de uma sociedade em obsolescência, retrógrada e agarrada a situações já superadas ou em fase de superação. A imprensa tem indubitavelmente aí um papel a cumprir, no sentido de concorrer para que essa contradição se resolva de forma positiva, rápida e menos traumática possível. O Brasil já não é o “Brasil de amanhã” de ontem.

De acordo com Braga (1991), a redemocratização não foi “lenta e gradual” conforme se pretendia, pelo fato dos conflitos das forças opostas que ensaiavam seu poder. As instituições já estavam absolutamente fortalecidas, e as classes médias, insatisfeitas com os rumos econômicos do regime, exigiam rapidamente o retorno às liberdades democráticas.

Logo em sua chegada, Freire começou a ministrar aulas na Faculdade de Educação da Unicamp, em Campinas e compôs juntamente a outros educadores, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da PUC/SP (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Diante os movimentos populares que ocorriam com o intuito de finalizar a Ditadura, Freire realizou o planejamento do Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), relacionado a jovens e adultos (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Além das funções que já executava, Freire debatia quando podia, em seminários, palestras questões variadas:

Sua posição socialista, sua religiosidade.

O grande poder de manipulação e domesticação da TV ao reproduzir sonhos alienadores e inacessíveis à classe dominada.

A constatação de que a TV está intimamente ligada ao autoritarismo.

O estímulo aos alunos a não aceitação do currículo imposto, tomando nas mãos sua própria educação (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Diante de uma vida muito movimentada, Freire assistia em 1985, o presidente Figueiredo conduzir anistia aos exilados políticos e concluir a abertura, acabando com o período negro do Brasil. A censura política da imprensa havia acabado, mas permanecia a econômica, imposta pelos anunciantes dos meios de comunicação. O maior censor volta a ser o dono do meio de comunicação (LEMOS, 2009).

Freire ficou viúvo de sua primeira esposa, Elza Maia Costa Freire, na data de 24 de outubro de 1986. O educador e filósofo ficou extremamente triste, pois foram quarenta anos de casamento. Entretanto, reencontrando com uma amiga de infância, Ana Maria Araújo Freire (FIGURA 11), eis que a alegria volta a sua vida, tanto que em 27 de março de 1988, casaram-se (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Figura 11 – Paulo Freire com sua segunda esposa



Fonte: The Freire Project, 2016.

No mesmo ano de seu segundo casamento, o Brasil ganhou uma nova Constituição, que veio para trazer muitas mudanças na educação, como nos artigos 205 e 208 do referido documento.

Artigo 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Artigo 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
I- ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

Mudanças não tão ricas, mas necessárias, que com o tempo iriam auxiliar em Leis inovadoras sobre o público jovem e adulto, que já passaram do período de estudar.

Já um pouco debilitado, Freire pede o afastamento de sua função, em 1991, contudo continua como colaborador e também passou a se dedicar mais a sua família (FIGURA 12).

Figura 12 – Paulo Freire em um momento de lazer



Fonte: The Freire Project, 2016.

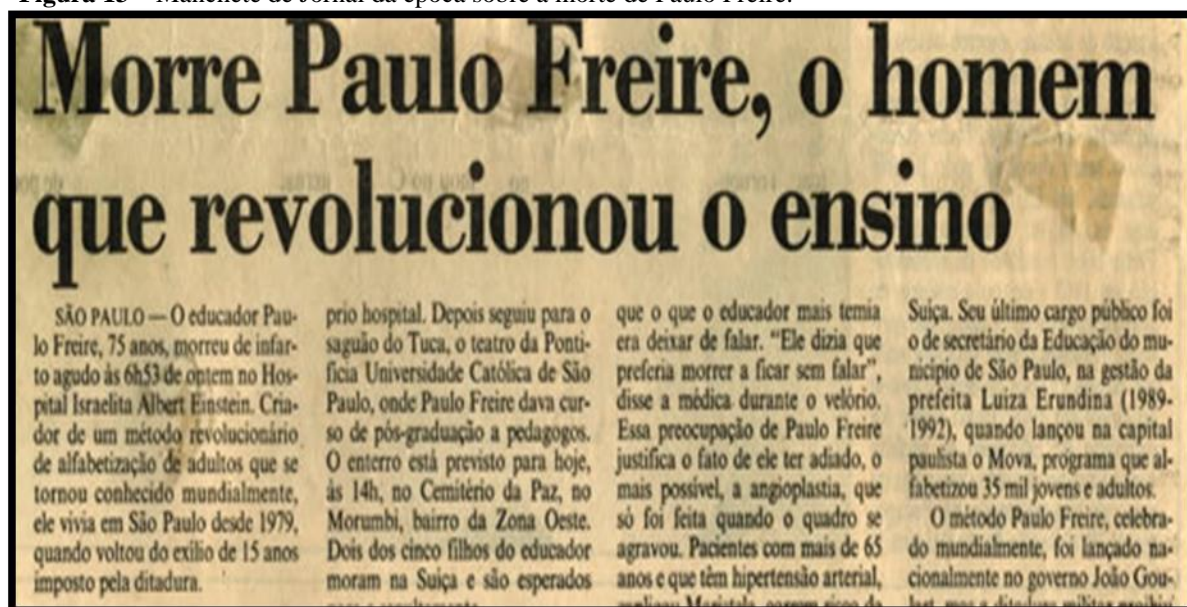
A prefeita da época de São Paulo, Luiza Erundina, comentou: “Paulo Freire estava sendo “devolvido ao mundo” (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Assim, Freire teve mais tempo para se dedicar a realização de mais obras, sendo algumas com o auxílio de outros educadores, além de voltar a ministrar aulas na PUC/SP (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Uma honraria para Freire, em 1987, passou a ser um dos membros do Júri Internacional da UNESCO (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Em 2 de maio de 1997, o coração de Freire parou de bater. Ele enfartou no pós-operatório de uma cirurgia para desobstruir as artérias coronárias (PROJETO MEMÓRIA, 2016). Foi-se um educador e filósofo brasileiro aos 75 anos de idade.

Figura 13 – Manchete de Jornal da época sobre a morte de Paulo Freire.



Fonte: Projeto Memória, 2016.

Freire deixou um legado extremamente rico referente à contribuição à educação, tanto em arte, física, geografia, história, filosofia, literatura. Um mestre grandioso (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Paulo Freire foi um homem que estava além de seu tempo, cresceu inserido e tomou conhecimento da pobreza do sertão do Brasil, não que em outros lugares do mundo não possuía pessoas pobres, passando fome, fome de trabalho, fome de informação, fome de realidade, fome de esperança. Este engajou-se em seu contexto social, se dedicou a mudar essa realidade voltando-se para a educação, não somente alfabetizar, ele queria mais, defendia a educação do pensar, o processo de compreender, “Não basta somente saber ler ou escrever”,

é preciso aprender a aprender a contiver. Dedicando-se seu compromisso aos mais desprovidos do mundo a qual permitiu que eles cobrissem, que eles padecem, que eles batalham, que eles pensam. Paulo em sua trajetória busca a ação, o fazer intervindo na realidade de cada um, ele busca o diálogo o trabalho (ANGELO, 2006).

2 AS OBRAS E PRÊMIOS DE PAULO FREIRE

Ainda que Paulo Freire apareça como um criador solitário de ideias, a sua grande valia foi de saber escutar; de forma humilde os autores pelos quais, ele se informava por meio de suas obras, como Karl Marx ou Karl Jaspers e revolucionários e combatentes de lutas pela minoria da África, Franz Fanon ou Samora Machel (SOUZA, 2010).

E diante de tanta riqueza literária, Paulo Freire tinha um sonho, que era ver um Brasil se desenvolvendo com a participação responsável de todo o povo. Assim, caminhava junto a uma ferramenta importante que era o seu trabalho, a educação. De acordo com Souza (2010, p. 54),

[...] uma educação social, uma educação que ajudasse o povo a superar as contradições que atravancavam a construção de um projeto de desenvolvimento nacional. Ele acreditava numa educação que desse ao povo os instrumentos para optar, para agir responsabilmente e superar a dicotomia fundamental inexperiência democrática – emersão do povo na vida nacional.

Desejando tanto uma educação de qualidade a todos no Brasil, e porque não dizer no mundo, Paulo Freire escreveu obras que contribuíram para as pesquisas em várias áreas mas principalmente na educação, ricas em contexto que estiveram e estão presentes até hoje como fundamentação de outras obras, teses e acima de tudo que auxiliam a elaborar documentos em prol de uma educação para as minorias. Obras que correram e correm o mundo como Pedagogia do Oprimido, que é uma das principais de Freire e foi traduzida para mais de 25 idiomas (ALIANO, 2014).

Uma história curiosa envolve a obra Pedagogia do Oprimido. Na época que Freire exilou no Chile ele deu os manuscritos dessa obra ao seu amigo Jacques Chonchol³ e sua esposa Maria Edy, em uma visita que fizeram a ele, pois naquele momento Freire tinha temor que os mesmos fossem apreendidos pelas forças da inteligência chilena, de acordo com registros (ALIANO, 2014).

Os registros mostram claramente que em 16 de dezembro de 1976, a revista Gente, a qual apoiava a ditadura militar publicou na edição desta data uma “Carta Aberta aos Pais Argentinos. Nesta Carta Paulo Freire era atacado e acusado de promover anarquia. Algum

³ Jacques Chonchol tinha conhecido Paulo Freire quando ainda era militante da Democracia Cristã e trabalhava no governo de Eduardo Frei Montalva, do qual se afastaria politicamente, sendo fundador do Movimento de Ação Popular Unitário. O MAPU foi um dos principais partidos da esquerda chilena, que contribuiu para o triunfo eleitoral de Salvador Allende em novembro de 1970. Chonchol foi Ministro da Agricultura no governo da Unidade Popular (GENTILI, 2014).

tempo depois, por meio da Circular n. 250, foi proibida qualquer obra de Freire na Argentina, sendo reforçada a proibição mediante um folheto, cujo o título era “Subversão no âmbito educativo (conheçamos nosso inimigo)” e dizia que a ação perversa iniciava na educação pré-escolar, durante a fase da infância:

Através de professores ideologicamente captados para incidir sobre as mentes dos pequenos alunos, fomentando o desenvolvimento de ideias e condutas rebeldes, aptas para a ação que será desenvolvida em níveis futuros.(...) Levando em consideração essas bases essenciais, as editoras marxistas pretendem oferecer ‘Livros úteis’ (...) que os ajudarão a não ter medo da liberdade(GENTILI, 2014).

Diante de todo esse confronto, Freire entregou os manuscritos aos amigos, escrevendo a seguinte dedicatória: “Queria que vocês recebessem esses manuscritos de um livro que talvez não sirva, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens” (GENTILI, 2014).

Figura 14 – Militares chilenos queimando livros.



Fonte: Gentili, 2014.

Antes de falecer, em 1997, Freire tentou tomar posse dos manuscritos novamente. O Instituto Paulo Freire conseguiu revê-los e Choncol devolveu-os ao Brasil, sendo que foram doados, em 2014 para o Ministério da Cultura (ALIANO, 2014).

Segundo Souza (2010, p. 67),

[...] dizer algo sobre a Pedagogia do oprimido, a obra mais conhecida de Paulo Freire, é uma reflexão complexa e instigante. A Pedagogia do oprimido, lida e relida hoje, início do século 21, novo milênio, apresenta a força comum a todo clássico: sua atualidade. Falar da mensagem de Paulo Freire é refletir sobre a atualidade desta mensagem.

A ideologia de Freire, o perceber tudo que viveu, sua capacidade de assimilar o que estava a sua volta, indicar direções com o intuito de uma pedagogia para libertação, o consagrou como um dos pensadores mais importantes da história do Brasil.

A rica produção teórica deste autor só pode ser analisada e compreendida junto com sua prática de vida. Não é possível dissociar a teoria freireana do ser humano Paulo Freire. Ele ensina a todos, pelo o que escreveu e pelo que era como pessoa (GUIMARÃES, 2000).

Paulo Freire escreveu Pedagogia do Oprimido e inúmeras outras obras, registrando percepções e reflexões sobre o mundo e seu ideal na capacidade humana em transformá-lo.

A questão central da obra, Pedagogia do Oprimido, é o ser humano em suas antropológicas, éticas, políticas, gnoseológicas⁴. Pensar o ser humano como problema, em sua relação com o mundo, seus condicionamentos e desafios, implica a consciência de história e de como superar sua desumanização (SOUZA, 2010).

A Pedagogia do Oprimido foi escrita num período de exaltação do movimento estudantil, do movimento feminista, do movimento hippie, de questionamento dos valores e de toda ordem constituída. “Crítica à sociedade de consumo, ao machismo. Lutas pela Democracia na América Latina, contra a guerra do Vietnã, contra toda forma de autoritarismo” (SOUZA, 2010, p. 68).

Contestar a situação do ser humano apenas é admissível no seu enfoque real, presente. “No resgate do passado da análise crítica deste, aprende-se que ele nos condiciona, que poderia ter sido diferente do que foi. E que o presente pode ser diferente do que é. O futuro é possibilidade e desejo de ser mais” (SOUZA, 2010, p. 68).

A Pedagogia do Oprimido (Figura 15) reproduz a ação revolucionária, tanto que o autor dialóga com as lideranças, com os educadores, sobre a importância da formação político-cultural libertadora.

⁴ É a parte da Filosofia que estuda o conhecimento humano (SIGNIFICADOS, 2016, p. 1).

Figura 15 – Capa da obra “Pedagogia do Oprimido”



Fonte: Constantino, 2015.

A educação libertadora para Freire é essencial na ação revolucionária, pois não se pode primeiramente realizar a revolução, para somente depois raciocinar que educação se pretende. Esta ação deve ser, também, ação educativa e cultural (SOUZA, 2010).

A elaboração da obra em comento, não é somente a realização de um contexto, mas uma postura drástica de compromisso com o povo na medida em que:

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (SOUZA, 2010, p. 70).

Todo o texto de Pedagogia do Oprimido é um chamamento para o diálogo entre as pessoas, mas, que apenas ocorre, se houver desarmamento de imposições e abertura para se ouvir e cada um dizer a suas ideias.

As ideias amparadas e defendidas na Pedagogia do Oprimido, e em toda a obra de Freire, foram surgindo no decorrer de sua prática social como educador, seja no Brasil ou durante o exílio, além de embasamento em autores que lia:

O tempo de escrever um livro, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão ficadas no papel. Falar delas antes de sobre elas escrever, em conversas com amigos, em seminários, em conferências, foi também uma forma de não só testá-las, mas de recriá-las, de reparti-las; as arestas poderiam ser melhor aparadas quando o pensamento ganhasse forma escrita como outra disciplina, com outra sistemática. Neste sentido, escrever é tão refazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, e tão recriar, tão redizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente exige de quem o faz, repensar o pensamento, reescrever o escrito e ler também o que antes de ter virado o escrito do autor ou da autora foi uma certa leitura sua (FREIRE, 2003, p. 54).

O contexto da obra envolveu o diálogo com amigos, e anotações em várias fichas que depois reuniu, organizou, problematizou, criando a escrita, resultado de um aprendizado, de reflexões sobre sua prática como educador:

Em muitos casos, o registro que me desafiava e sobre que escrevia em fichas eram afirmações ou dúvidas, ora dos camponeses que entrevistava e a quem ouvia debatendo codificações nos círculos de cultura, ora de técnicos agrícolas, agrônomos ou outros educadores com quem me encontrava assiduamente em seminários de formação. Possivelmente foi a convivência sempre respeitosa que tive com o “senso comum”, desde os idos de minha experiência no Nordeste brasileiro, a que se junta a certeza que em mim nunca fraquejou de que sua superação passa por ele, que me fez jamais desdenhá-lo ou simplesmente minimizá-lo. Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o “saber de experiência feito”, para parte do conhecimento sistemático do (a) educador (a). (FREIRE, 2003, pp. 58/59).

A Pedagogia do Oprimido é revolucionária e, como tal, é um do diálogo. É a pedagogia que dignifica educandos e educadores, ambos como sujeitos do fazer educativo.

Freire sempre defendeu e lutou por uma alfabetização como ação cultural para a libertação. Souza (2010, p. 102) retrata que,

[...] nesta concepção, o analfabetismo é compreendido como uma das expressões político, que precisa ser superado a partir de um processo de alfabetização que desenvolverá nos alfabetizados a consciência de seus direitos a partir da inserção crítica na realidade, que os desafia a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra.

Para Freire, não é apenas o direito de pronunciar a palavra que está sendo negado aos não alfabetizados, mas também o direito de pronunciar o mundo.

Na obra *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* Freire (2000, p. 49) declara:

Aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que as mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra em sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar.

A obra *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, foram escritas por meio da reunião de cartas escritas por Paulo Freire em diversos períodos de sua vida. Segundo sua esposa Ana Maria Araújo Freire, todo o contexto da obra são cartas de Paulo Freire tratando de questões pessoais, retratando motivos sociais e políticos (SANTOS, 2013).

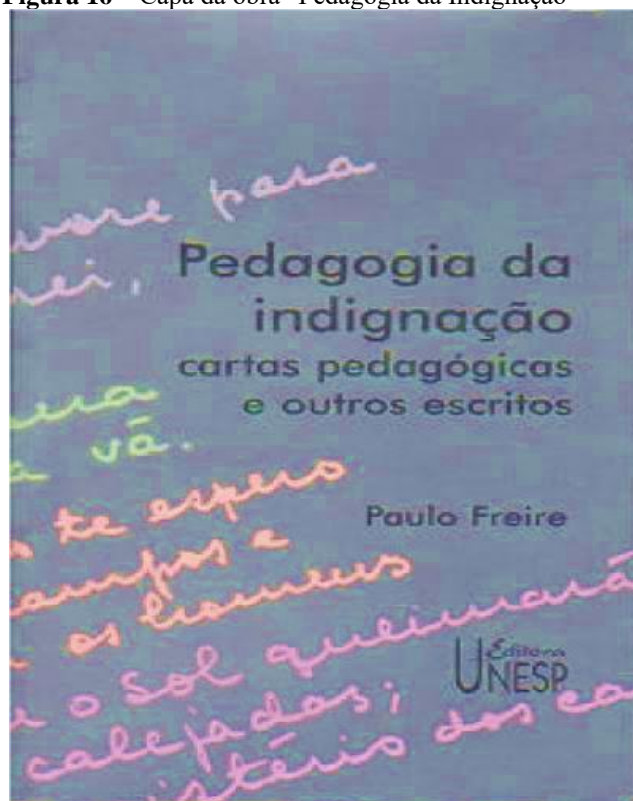
Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos trata-se de uma obra composta por duas partes, sendo a primeira as “*Cartas Pedagógicas*” que foram escritas por Freire antes de sua morte, entre dezembro de 1996 a maio de 1997; já a segunda apresenta seis textos separados pela esposa, também escritos por Freire entre os anos de 1992 a 1996, para que fossem publicados em obras do escritor e mostrados em conferências pelo mundo todo (SANTOS, 2013).

A esposa inicia a obra, apresentando-a e discorrendo sobre a grande emoção ao entregar aos leitores do esposo um livro que ele escrevera meses antes de sua morte. Relata também que algumas cartas não publicadas não haviam sido finalizadas e que por isso representaram para ela, um vasto obstáculo, pois caracterizavam realmente a ida irreversível de seu esposo, Paulo Freire:

Foi difícil para mim iniciar a leitura dessas páginas. Tinha medo. Era como se isso fosse confirmar o fato consumado de sua ausência, tão dolorosa quando irreversível. Ler um livro incompleto de Paulo implicaria para mim estar novamente diante de sua morte. [...] (FREIRE, 2000, p.10)

A obra recebeu o nome de *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (FIGURA 16), pois de acordo com a esposa de Freire, o autor revela nas cartas muita revolta e indignação diante de acontecimentos sociais, políticos e históricos que ocorreram na sociedade brasileira (SANTOS, 2013).

Figura 16 – Capa da obra “Pedagogia da Indignação”



Fonte: Folha de São Paulo, 2016.

A esposa de Freire pensou em diversos nomes, mas Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos, segunda ela representava veemente os assuntos interpelados por Freire nas cartas e realmente expressava a sua indignação, a sua verdadeira raiva e a sua grandeza em amar: “Demonstra a sua indignação, a sua legítima raiva e a sua generosidade de amar, resolvi que o título do livro deveria corresponder a essa sua permanente atitude e inteligência perante a vida e o mundo” (FREIRE, 2000, p.12).

Na obra em comento, Freire reafirma a natureza política da educação em geral, e da educação de adultos e da alfabetização em particular, declarando que a leitura e a escrita da palavra em relação dialética com a ‘leitura do mundo’, precisam possibilitar a reescrita do mundo, sua transformação.

Assim, Freire (1982, pp. 129-130) afirma que,

[...] as classes dominadas precisam transformar o seu sofrimento de não ser no sofrimento que a luta por ser lhes impõe enquanto esperança que os move. Tão somente esta esperança, que nasce do hoje e no hoje desta luta, confere sentido ao futuro como tarefa de construção, como ‘façanha da liberdade’.

Em Pedagogia da indignação, Freire escreve sobre esta luta por ser mais, vivida pelas trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra no sofrimento causado pela fome, pelo frio debaixo das lonas pretas, pela violência dos policiais, mas também no sonho, na utopia de quem acredita que mudar é difícil, mas possível, de quem reinventa a própria forma de lutar como condição para reinventar o mundo.

A elas e a eles, sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país devemos mais do que às vezes podemos pensar. E que bom seria para a ampliação e a consolidação de nossa democracia, sobretudo para sua autenticidade, se clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem-hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível (FREIRE, 2000, p. 61).

Assim, Freire escreveu em Pedagogia da indignação sobre a utopia, os sonhos, a luta de classes tudo com palavras rebeldes de uma pessoa que sente a necessidade de mudanças da realidade pelo qual a minoria passa.

Outra obra que Freire escreveu sobre mudar a realidade social foi Pedagogia da Autonomia em 1996. Nessa obra ele faz menções sobre a emergência da consciência crítica, que acaba firmando o analfabetismo político. Também destaca que o trabalhador social necessita,

[...] conhecer a realidade em que atua, o sistema de forças que enfrenta, para conhecer também o seu “viável histórico”. Em outras palavras, para conhecer o que pode ser feito, em um momento dado, pois que se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer (FREIRE, 1982, p. 41).

Então, o trabalhador necessita enxergar a sua realidade para que ele lute por mudanças e transformações.

A educação ou ação cultural para a dominação busca evitar que mulheres e homens se percebam como seres reflexivos, capazes de criar e recriar o mundo e o próprio saber, refazendo-se como pessoas.

Outra obra de Paulo Freire é A Educação na Cidade, a qual foi escrita tendo como base o tempo que trabalhou como Secretário de Educação da cidade de São Paulo, entre 1989 e 1991, durante o governo de Luíza Erundina. Souza (2010, pp. 145-146) declara que,

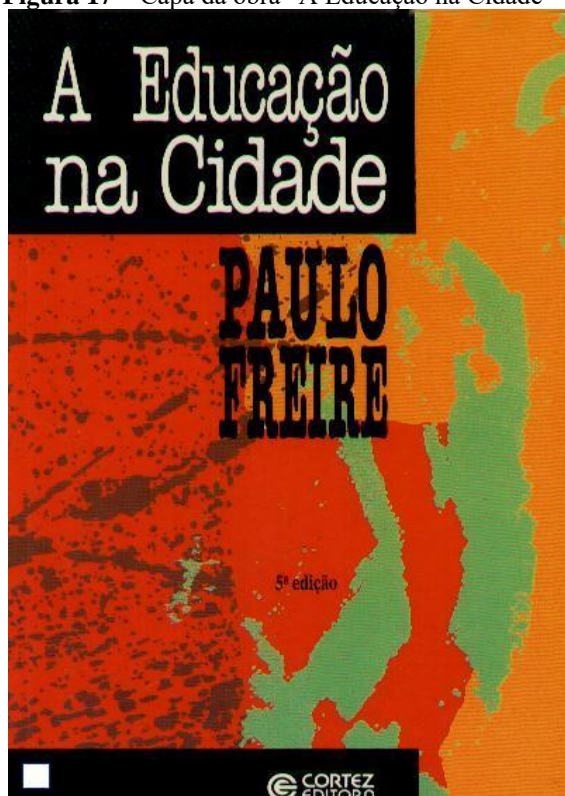
[...] no lançamento da primeira edição. Ele assumia que era um livro introdutório, mas que revelava os sonhos e as ações efetivamente realizadas, em equipe, na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, abrindo imensas possibilidades de outros estudos e trabalhos.

Trata-se de uma coletânea de entrevistas, que Freire concedeu no período comentado, sobre a questão da educação. Barbosa (2012, p. 2) diz que Freire relatou nessa obra, que,

[...] podiam-se perceber grandes problemas quantitativos (escolas não atendendo a todos) e problemas qualitativos (questões curriculares). A busca por soluções de problemas referentes à educação, conforme o autor, deve estar ligada a essas duas questões, uma vez que elas estão intrinsecamente ligadas, ou seja, se há uma melhora no currículo, há também um aumento da demanda de alunos, assim como, se há escolas atendendo a todos, há também a necessidade de se melhorar a qualidade da educação, de melhora no currículo

Como se percebe acima, Freire é sincero ao dizer que a educação daquele período estava caótica, ou seja, havia escassez de qualidade e de quantidade. Qualidade, ao que se refere a questões curriculares, burocráticas; e quantidade em se tratando do número de instituições escolares para atender a toda uma clientela. Havia aumento da demanda de alunos, mas não havia instituições para aqueles que estavam chegando.

Figura 17 – Capa da obra “A Educação na Cidade”



Fonte: Bunhosa, 2016.

Após essa obra, o cansaço físico de Paulo Freire põe um fim temporário a esses diálogos. Outros prosseguiram e prosseguem, nem mesmo a morte pôde calar a voz de quem

partindo, ficou. O pensamento de Paulo Freire continuará a instigar e a desafiar, a nos ensinar a ser mais humildes e reflexivos em nossas justificativas pedagógicas.

Freire sempre lutou em sua vida e sua obra, contra a ‘terrível malvadeza’ do sistema capitalista. E, é exatamente esta ‘malvadeza’ levada a extremos em tempos ‘neoliberais’, que nos faz com que se deve lutar por propostas emancipatórias originadas na história dos oprimidos, desenvolvendo estratégias políticas de fortalecimento da autonomia e do poder local (SOUZA, 2010).

“Neste sentido, a obra de Paulo Freire “continua a representar uma alternativa teoricamente renovada e politicamente viável”; a dinamicidade de uma pedagogia e antiautoritária” (GIROUX, 1997, p. 39).

A luta pela educação pública popular e democrática configura-se, assim, como categoria histórica fundamental para a compreensão da proposta pedagógica da gestão Paulo Freire. A luta como movimento organizado crítico de transformação da realidade, pela reivindicação da justiça social, pela produção da existência humana digna, fraterna e feliz. A “ética da luta e a boniteza da briga” como ressaltou Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* (1999), que reúne, compartilha, solidariza, emancipa; que faz do outro “um sujeito social” querido, desejado, respeitado, amado, fizeram a diferença da gestão Paulo Freire com relação a outras propostas de Educação Na Cidade.

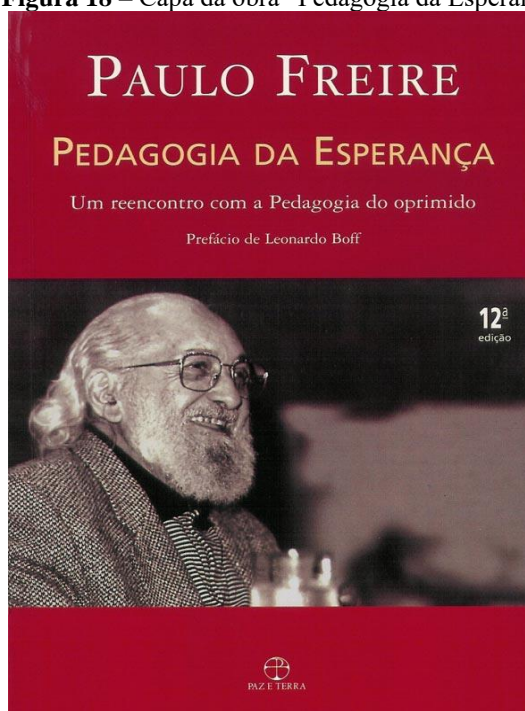
Na obra em questão, Freire (1999, p. 117) discorreu:

Não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros, nem para os outros, nem sem os outros. Esta é uma afirmação que, pelo caráter dialógico nela implícito, incomoda os autoritários. É por isso também que são refratários ao diálogo, à troca de ideias entre professores e alunos...

Freire diz que pensa como ele, e que pensando dessa forma, incomoda os autoritários. Além disso, deve-se ter a troca de ideias entre docentes e discentes, deve-se ter diálogo.

O livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* é uma obra com características biobibliográficas. Nele, Paulo Freire, como um companheiro muito próximo, recorda momentos vividos e reflexões feitas, as atualiza, reafirma e revê, dialogando com sua própria história. Em outras palavras, vinte e quatro anos depois, Paulo Freire se reencontra não mais com os originais da *Pedagogia do Oprimido* teve suas origens e, também, aos desdobramentos que se seguiram a sua publicação. Além disso, analisa e responde a algumas das críticas que lhe foram feitas na década de 1970 (SOUZA, 2010).

Figura 18 – Capa da obra “Pedagogia da Esperança”



Fonte: Universitarius, 2016.

Na década de 90, escreveu mais alguns livros, como Professora Sim, Tia Não (1993) (Figura 19), Cartas a Cristina (1994) (Figura 20), À sombra desta mangueira (1995) (Figura 21), Pedagogia da Autonomia: saberes necessária à prática (1997) (Figura 22) e, em 2000 foi publicado “Descobrimiento da América”, em 1992; Aprendendo com a Própria História II (Figura 23), um livro de diálogos ocorridos em 1993, entre Freire e Sérgio Guimarães.

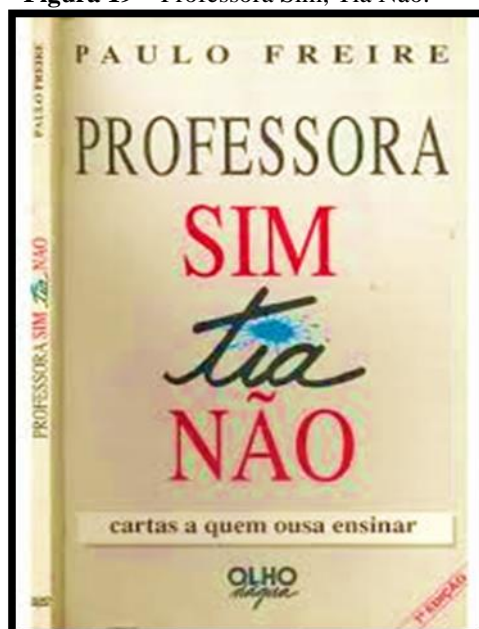
A obra Professora Sim, Tia Não; é composta por 10 capítulos denominados por Freire de cartas, como se fossem cartas endereçadas a pessoas com as quais se tem amizade e cumplicidade.

Freire enfatiza na obra que a professora ao aceitar ser chamada de tia pelo aluno, é como se ela fosse apreciada como alguém da família do mesmo e sua função de docência fica a desejar, ela não se engaja no campo profissional, que no caso é algo a ser realizado com responsabilidade e competência. É como se esse profissional colocasse a sua profissão em segundo plano e deixasse de lutar.

Recusar a identificação da figura do professor com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à lei. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental do professor: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente (FREIRE, 1997, p. 9).

Em cada capítulo, que são as cartas; o educador oferece ao professor sugestões, conselhos, demonstrações, revela coerências no cenário educacional, discordâncias, compartilha angústias e esperanças em uma educação melhor, revela mensagens.

Figura 19 – Professora Sim, Tia Não.



Fonte: Estante Virtual, 2016.

Em se tratando da obra *Cartas a Cristina*, Freire descreve sobre as lembranças e emoções de sua infância. Conta também sobre as crianças, com as quais ele conviveu já quando educador, a respeito das observações que fez no sentido de que elas possuíam dificuldades por escassez de comida, em casa e moradia; que traziam consequências na aprendizagem na escola.

Segundo Silva e Braga (2013),

[...] o livro compõe-se de dezoito cartas e é resultado do diálogo estabelecido entre Freire, que se encontrava exilado na Suíça no começo dos anos 1970, e sua curiosa sobrinha Cristina. O diálogo atinge seu ápice quando Freire é instigado pela sobrinha a responder como ele foi se tornando o educador que estava sendo. Tal resposta só ocorreria se ele realizasse uma profunda retrospectiva da sua infância, adolescência e juventude.

Freire conta experiências de criança, explicando que as vivências de criança aprende a teoria, como por exemplo, a fazer contas, dando exemplo de sua infância dura e difícil; quando teve que ajudar a mãe a manter a casa com seus irmãos. Assim, ele passou de um menino aventureiro que furtava frutas no vizinho a um menino que teve que enfrentar

trabalhos que eram necessários para sobreviver. Como retrata Freire no livro: “o passado se compreende, não se muda” (FREIRE, 1994, p. 19).

Figura 20 – Cartas a Cristina



Fonte: Estante Virtual, 2016.

À sombra desta mangueira foi organizado por Nita, Ana Maria Araújo Freire, segunda esposa de Paulo Freire. Na obra, Freire expressa sua visão do mundo político e valores averiguados por ele durante sua vida de educador. Dentre esses valores estava a valorização de educadores que Freire fazia questão de comentar: “A elevação urgente da qualidade de nossa educação passa pelo respeito aos educadores e educadoras mediante substantiva melhora de seus salários, pela sua formação permanente e reformulação dos cursos de magistério” (FREIRE, 1996, p. 46).

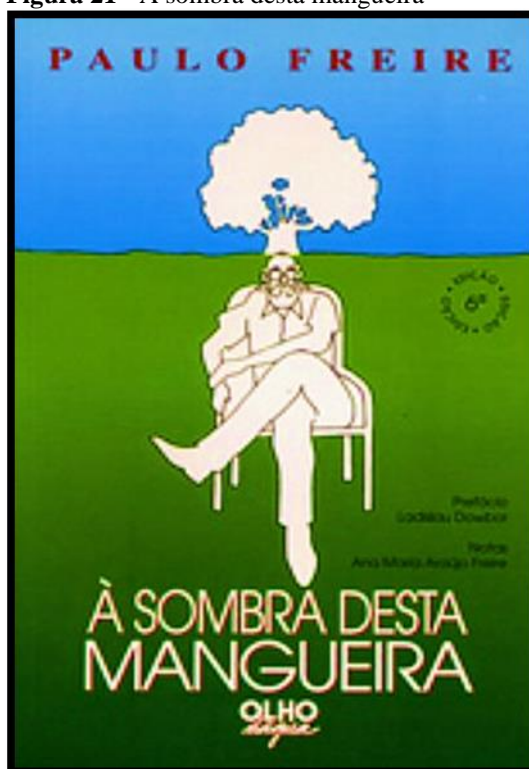
Outra temática bastante comentada na obra foi sobre a democracia na educação, na sociedade em geral:

Precisamos hoje no Brasil, talvez mais do que ontem de uma prática educativa exemplarmente democrática. Precisamos de campanhas realizadas, por exemplo, através de semanas de estudos da democracia em escolas públicas, privadas, universidades, escolas técnicas e sindicatos. Campanhas que encharcassem as cidades de democracia. Campanhas em que se apresentasse a história da democracia. Campanhas em que se apresentasse a

história da democracia, em que se debatesse a relação entre democracia, ética, classes populares, e economia (FREIRE, 1996, 73).

E por fim Freire fala dos critérios juventude ou velhice. Esses critérios, segundo Freire (1996, p. 56) não podem ser demarcados pelo calendário, mas sim em função da vivacidade e da esperança. Fica-se velho no momento em que tudo o que argumenta diz-se o seguinte: “no meu tempo era melhor”.

Figura 21 - À sombra desta mangueira



Fonte: Estante Virtual, 2016.

O livro, a ser comentado, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Freire descreve ao leitor que para formar um educando é muito mais que treinar e fornecer a ele conhecimentos, antes de tudo isso; o educando necessita ter ética e coerência para colocar em prática esses atos educativos. O educador deve agir como o responsável pedagógico, e não simplesmente atuar.

Outro ponto interessante, o qual Freire destaca é que o ser humano não deve se acomodar, deve-se buscar mudanças, até porque somos seres condicionados, mas não determinados.

Na obra, Freire revela três temas básicos para construir a *Pedagogia da Autonomia*, que conduz à formação para vida, sendo eles: não há docência sem discência; ensinar não é

transferir conhecimento e; ensinar é uma especificidade humana. O foco da obra é “a formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos” (FREITAS, p. 2014).

Figura 22 – Pedagogia da autonomia



Fonte: Estante Virtual, 2016.

E em *Aprendendo com a própria história* é uma obra, na qual Paulo Freire dialoga com Sérgio Guimarães contando sobre passagens de suas obras e de sua vida, suas memórias de quando o educador estava exilado na Bolívia, Chile, Estados Unidos e México.

Um momento interessante da obra, é quando Freire conta a respeito de seu trabalho no Ministério da Educação, de junho de 1963 a abril de 1964, sendo esse período aquele que ele coordenou o Plano Nacional de Alfabetização, pedido este feito por Paulo de Tarso, Ministro da Educação, do então presidente João Goulart. Ao tomar posse do cargo, Freire declarou ao Ministro:

Não poderia aceitar permanecer numa assessoria no ministério se não me encontrasse realmente envolvido num trabalho para valer. Neste sentido, por exemplo, não poderia jamais aceitar que a programação de nosso trabalho na cultura popular – na época não falávamos ainda em educação popular – fosse determinada por interesses políticos pouco ou nada sérios. Se o senhor não tem condições de assegurar o respeito indispensável a um trabalho dessa

ordem é melhor que eu não deixe o Recife. Se temos que brigar amanhã é preferível dizer não agora. (FREIRE, GUIMARÃES, p. 14, 1987).

Após tal compromisso, houve o Golpe Militar e Freire não continuou em sua função. Além dessa parte de sua vivência no Brasil, Freire conta sobre alguns momentos históricos brasileiros e opina:

[...] Sabia que numa sociedade tradicionalmente antidemocrática o que eu estava propondo, profundamente democrático, poderia vir a ser problemático. Propunha que partíssemos das massas populares, de sua compreensão e leitura de mundo, do seu senso comum, da sua sabedoria gestada no que fazer do povo e um conhecimento rigoroso que por ventura eu tivesse. (FREIRE, GUIMARÃES, p. 32, 1987).

E até o final da obra, Freire apresenta inúmeros fatos políticos, com os quais conviveu, viveu, mas também opinando a respeito de como a educação era e deveria ser no Brasil.

Figura 23 – Aprendendo com a própria história



Fonte: Estante Virtual, 2016.

Quanto aos prêmios Paulo Freire foi Doutor Honoris Causa⁵ por 29 universidades da Europa e da América. Além disso, obteve prêmios, como: Educação para a Paz, UNESCO, 1986 e Educador dos Continentes da Organização dos Estados Americanos em 1992.

Freire é declarado como o brasileiro mais homenageado em todos os tempos, devido as suas ideias sobre a educação, uma educação de qualidade que se deve ser concretizada por meio da realidade do aluno; por suas obras, as quais trazem em seu contexto seu jeito transformador e revolucionário em questões sociais de educação.

Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas. “A pesquisa foi realizada por meio do Google Scholar, que é a ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica, por Elliot Green, professor associado da London School of Economics” (PAIVA, 2014, p. 1). Freire é citado 72.359 vezes, ficando em terceiro lugar, depois do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780) (PAIVA, 2014).

Outro fato importante de tudo o que Freire realizou durante a vida, foi a citação de seu livro *Pedagogia do Oprimido* entre os 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa pelo mundo (PAIVA, 2014).

Outra pesquisa realizada pelo Projeto Open, em que foram reunidas mais de 1 milhão de ementas de estudos universitários americanos, ingleses, australianos e neozelandeses, a obra de Freire foi a única brasileira a entrar no top 100 da lista. No campo de Educação, ele ficou em Segundo lugar entre os mais pedidos e traz ainda outras 20 obras de Paulo na lista geral (PAIVA, 2014).

E por fim, a Lei n. 12.612, de 13 de abril de 2012, assinada pela então presidente da República Dilma Rousseff; declarou o educador Paulo Freire “Patrono da Educação Brasileira” (vide anexo).

⁵ É concedido a pessoas que tenham grande importância nos âmbitos social, cultural, científico, religioso/eclesiástico, filosófico, ou do melhor entendimento entre as comunidades, as Culturas, os povos e nações. Não é um Diploma Universitário de Graduação, Nem Técnico, Não necessita de ser Reconhecido pelo MEC. Têm a finalidade de Caráter Cultural de Reconhecimento livre para a Honra de Notório Saber; tal como exemplo é exercida a Psicanálise ou a Terapia Holística; também outras Ocupações e Profissões do Mundo Civilizado. O Diploma Doutor Honoris Causa "significa" que é um Diploma de Honra e para a Honra de Reconhecimento de Notório Saber concedido a: determinada pessoa sem discriminação de graduação, formação, raça, cor, partidarismo ou ideologia política. O Diploma Doutor Honoris Causa é concedido pela Honra, para a Honra e pelo reconhecimento de um Ser Humano do bem e que seja um Multiplicador do Bem através de seu Caráter, sua Cultura e de Sabedoria Humanitária Universal (EVANGELISTA, 2015, p. 1).

3 AS IDEIAS DE PAULO FREIRE PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Nos anos 50, Paulo Freire trouxe ao cenário brasileiro uma nova forma de alfabetizar. Foi algo tão marcante que até hoje, as ideias de Freire em se tratando da educação proporciona diversas ideias e experiências.

Freire influenciou os movimentos populares que ocorriam na década de 60, destacando a valorização do diálogo e a interação como elementos essenciais para consolidar a libertação do educando e o direito a educação básica. Segundo Silva (2014),

Freire via a educação em duplo plano instrumental, capaz de preparar técnicas e cientificamente a população para o mercado de trabalho, e que atendesse as necessidades concretas da sociedade, para isto elaborou uma proposta conscientizadora de alfabetização de adultos, cujo princípio básico era a leitura do mundo e as experiências do educando, desta forma sua proposta de alfabetização partiam da realidade de vida do aluno para o aprendizado da técnica de ler e escrever.

Como se pode averiguar pela citação de Silva (2014), Freire queria elaborar técnicas de alfabetizar para conduzir a população ao mercado de trabalho, além de atender os anseios da sociedade, tendo como base a leitura de mundo e as experiências, a realidade do educando. Era por meio da realidade do aluno que ele seria alfabetizado, que ele iria ler e escrever.

Dessa forma, Freire (1995, p. 45) comenta que, “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Assim, segundo Freire o educador deve levar em conta, como início para seu processo educativo as vivências, conhecimentos que o aluno tem, acrescidos das inúmeras experiências, como sociais, afetivas e cognitivas por que passa no dia a dia.

Freire (1991, p. 15) em sua obra *A Importância do Ato de Ler: três artigos que se completam* relata que,

[...] mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo que, me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de

encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Foi pelas palavras do mundo de Freire, quando pequeno que ele foi alfabetizado, ou seja, pelas palavras que ele estava acostumado em seu dia a dia, as palavras de suas experiências. Esse pensar de Paulo Freire é a verdadeira importância para uma educação de qualidade.

A sociedade atualmente exige muito mais que o mero conhecimento gráfico, sabe-se que a linguagem deve ser estruturada de maneira dinâmica e coletiva o que se faz necessário compreender que se trata de algo mais amplo que abrange um ponto de vista cultural e social.

Freire & Macedo (1990, p.32) propõem a alfabetização como “a relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora deste mundo”. A linguagem escrita possui um significado social.

Dessa maneira, o analfabetismo por ser algo social, é visto “como uma “erva daninha”, como uma “enfermidade”, como uma “chaga” de certas sociedades, porque é rotulado como manifestação da incapacidade da inteligência. Assim, o homem é visto como perdido. Portanto, é preciso salvá-lo” (SOARES, 2005, p. 43).

As cartilhas por melhores que sejam, na parte metodológica ou sociológica nada têm que ver com a experiência do dia-a-dia dos alfabetizados, com sua prática, sua vivência. É que elas apresentam como forma de aprendizagem, como forma de alfabetizar, textos contendo casinhas simpáticas, acolhedoras, bem decoradas; casais risonhos; crianças bem nutridas, dizendo adeus aos pais para ir à escola (família perfeita) depois de um café da manhã farturento (SOARES, 2005).

Esse modo de tratar os adultos analfabetos retrata uma deformada maneira de vê-los, como seres apáticos e dóceis, pois muitos deles são de uma classe bem desfavorecida economicamente e socialmente, ou simplesmente esse mundo para determinadas crianças não existe, não há possibilidade de terem.

Carvalho (2010, p. 52) também explica que,

[...] as lições encontradas nas cartilhas são uma série de frases isoladas, colocada uma embaixo da outra com o propósito de exercitar o alfabetizando e treina-lo na aprendizagem de palavras com letras v, m, l e b. Como uma dessas frases: A vovó é da menina, a menina leva doce para vovó, o boi baba, entre outras.

Se para as crianças é um mundo diferente, longe da realidade, imagina para os adultos que não tiveram oportunidade de estudar, de serem alfabetizados, de terem perspectiva de fazerem um Curso Superior.

Carvalho (2010, p. 53) novamente traz que, para esse público deve-se trabalhar da seguinte maneira:

Sugiro conversar sobre a vida deles, o que fazem fora da escola, se trabalham, do que gostam. No caso talvez uma notícia de futebol, uma letra de uma canção, uma piada, um anúncio ou bilhete, que sejam atraentes, até porque a maioria passou por muitas experiências frustrantes e já conhece os nomes das letras. Deve ser aflitivo para esses adultos terem sempre a sensação de começar do zero, portanto é bom escolher um texto diferente, usado na vida social, que seja uma novidade para eles.

Como Carvalho (2010) destaca acima, é com a realidade do educando que o educador deve trabalhar, algo simples, do mundo dele, que no caso são adultos, mas que tal preceito é válido também para a alfabetização de crianças.

Freire rebate a utilização de cartilhas, retratando sobre a importância de não se ensinar aos educandos algo que sejam obscuro e inexplorado por eles. Para Freire o educador deve preferir e optar por conhecimentos do mundo trazido pelo educando, a fim de classificar o que ele compreende e domina com a aprendizagem em sala de aula. O educando se encontra no processo de aprender, entretanto se ele não compreende, ele simplesmente deixa de lado frases sem significado e sem incentivo.

As cartilhas vêm com textos prontos e esses não são planejados para trabalhar com a heterogeneidade em sala de aula.

Portanto, “que significação, na verdade, podem ter, para homens e mulheres, camponeses ou urbanos, que passam um dia duro de trabalho ou, mais duro ainda, sem trabalho, textos como estes, que devem ser memorizados” (FREIRE, 1981, p. 15).

A averiguação sobre a realidade dos educandos contrai função essencial no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que proporciona uma percepção ampla das particularidades dos mesmos.

Explorando claramente tudo isso, o educador obterá oportunidades de refletir sobre questões consideráveis que guiam o desenvolvimento do plano de ação da área de conhecimento com o qual trabalha e raciocina a respeito de como adaptar a temática anteriormente determinada à realidade na qual pratica suas ações.

Tendo em vista a experiência, é primordial que, ao elaborar as atividades que serão praticadas com os educandos, os professores escolham temáticas que aclaram e instigam o interesse pelos diversificados modos de organização social e culturas efetivos no mundo e pelos diversos valores e virtudes que amparam a convivência no ambiente escolar e em seu exterior, sendo tudo realizado com muita atenção, disciplina, carinho e esclarecimentos.

Também Lochet.al. (2011, p. 25) comenta que,

Os educandos, por inúmeras razões nas suas trajetórias de vida, não frequentaram a escola na fase adequada, assumindo espaços de manutenção e de cuidados familiares, ocupando espaços de informalidade no desenvolvimento social e profissional, e encontram-se à margem do sistema capitalista, sem a oportunidade da estabilidade profissional ou familiar, marcados pelas chagas da desigualdade.

Muitos destes sujeitos retornam à escola com a esperança de melhorar suas formas de sobrevivência, a sua autoimagem, a estabilidade nos empregos. Mas muitas vezes não alcançam o que desejam porque, na EJA, os conteúdos trabalhados são vazios de significado para eles, distantes das suas realidades e necessidades (LOCH *et.al.*, 2011).

Desta forma, os ex-analfabetos, que foram treinados na leitura de textos sem a análise de sua vinculação com o contexto social, procuram, por exemplo, um melhor emprego e não o encontra, e somente assim percebem a “camuflagem” social do que viu. Segundo Freire (1981, p. 16),

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma chaga, nem uma erva daninha a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não é um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização através da qual se pretende superá-lo.

É exatamente nesse ponto que o educador deve respeitar a realidade do educando e trabalhar um conteúdo que respeite o modo de viver e de ser daquele que ele está tentando alfabetizar. A verdadeira e consciente alfabetização de jovens e adultos deve seguir essa regra de conduta. Além do que a EJA deve constituir-se, assim, em um espaço acolhedor, instigando-lhes a criticidade e não visando apenas à sua formação técnica/profissionalizante.

Segundo Pinto (2003), em se tratando da alfabetização de jovens e adultos, optando pelo conceito crítico de educação por meio do diálogo entre alfabetizador e alfabetizando, em se tratando de consciência, o autor declara que,

O educador deve ser o portador da consciência mais avançada de seu meio, necessita possuir antes de tudo a noção crítica de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação (PINTO, 2003, p. 48).

Não que o alfabetizador deva ser o detentor do conhecimento, mas ele é o responsável em transmitir esse conhecimento ao alfabetizando de forma responsável.

Essa responsabilidade está no fato de que o alfabetizador pensa que o alfabetizando seja uma caixinha, na qual ele deva ir incutindo conhecimentos sem ao menos se preocupar. O correto, segundo Freire, é que na relação entre alfabetizando e alfabetizador, o segundo seja um mediador no processo de ensino-aprendizagem, devendo eles terem uma interação com o propósito de que ambos possam aprender juntos outras possibilidades na realidade da vida. É um aprendizado em conjunto, ou seja, educando e educador são peças essenciais na educação, a diferença é que o educador é o mediador do conhecimento do primeiro.

Parafraseando Paulo Freire a relação educador e educando deve partir da observação das disposições sociais, econômicas e culturais dos educandos, suas famílias e o seus arredores. A ação educativa ocorre na relação entre educador e educando, contudo é mediada pela aspiração contínua que provoca a curiosidade, que traz a ação de aprender com significado, no qual o educador saiba o que irá ministrar e, por conseguinte, incentiva o educando a questionar, a conhecer, pois conforme Paulo Freire (2007, p. 86):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

Como se pode verificar Freire destaca que antes de qualquer elaboração de técnica para ensinar o educando, o professor deve ser curioso diante de seus alunos.

O professor deve perceber as reais necessidades dos alunos, pois assim será mais fácil trabalhar com eles, através da motivação, e conseqüentemente se utilizará de estratégias motivacionais, pois o resultado dessa ação será a aprendizagem.

Essa ação realizada pelo professor pode ser desenvolvida despertando no aluno o interesse pelo assunto mostrando aplicações no seu dia-a-dia, ou seja, na sua realidade; trabalhando de forma concreta, incentivando o trabalho em grupo, variando as atividades propostas para não virar rotina, mostrar o conteúdo de forma diferente e criativa, valorizar o

esforço dos alunos e elogiar o resultado. Em meio a tudo isso, é importante expor ideias, compartilhar experiências e relacionar o conteúdo às situações da vida real.

Segundo Freire (2003, p. 52), “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria.”

O professor é o principal condutor que leva o aluno a conhecer, e conseqüentemente construir valores e conceitos referentes a sua inteligência, pois caminham juntos e são inseparáveis.

O educador, o qual o aluno tem relação, possui papel de mediador nessa situação, produzindo assim um convívio satisfatório entre eles, fazendo com que o aluno se sinta acolhido e motivado a conhecer a si próprio.

Assim, o processo de aprendizagem possui relação perpetuada entre professor-aluno, que provoca inúmeras perspectivas, que por sua vez distingue-se entre os promissores ao processo de ensino e aquelas que produzem falhas irreversíveis. Para existir aprendizagem satisfatória é primordial que ocorra uma boa relação entre todos os envolvidos no processo.

Nos dias de hoje, faz-se imprescindível que o próprio educador caracterize seu papel, e que o seu trabalho esteja diretamente ligado a maneira como os alunos se relacionem com ele e o seu modo de pensar. Kullok (2002, p. 16) destaca que,

[...] o professor precisa ter o conhecimento do valor da interação professor-aluno para não se posicionar como dono do saber, mas ser capaz de compreender a sala de aula como espaço de relações sociais e afetivas, humanizando o ato de aprender.

Apreciar a relação professor-aluno é uma situação incessante para produzir-se um suporte educacional firme, consistente e eficaz, que inevitavelmente terá severos resultados quando interrompido. Kullok (2002, p. 17) afirma que, “é necessário valorizar o desenvolvimento das relações sociais entendendo que é fundamental criar uma interação entre aquele que ensina e aquele que aprende sob pena da aprendizagem não ocorrer”.

Para isso, é essencial o diálogo diário entre ambos, como Freire destacava em suas obras, como a Educação e Atualidade Brasileira (2001), por meio da prática de suas metas chegam a possibilidade do saber historicamente efetuado pela execução cultural da humanidade.

Entretanto, o conceito de dialogar para Freire, vai além de uma ação comunicativa entre educador e educando; significa a necessidade de resgatar a dimensão dialógica da aprendizagem, próprio da natureza humana; de perceber num processo coletivo de ação e

reflexão, os condicionantes, a indiferença, a definição de classe; o questionamento da própria vida; num procedimento constante de conscientização. Neste sentido, a prática educativa é demasiadamente político.

Ainda conforme Freire (2003, p. 177), “o educador ou educadora como um intelectual tem que intervir. Não pode ser um mero facilitador”, sendo assim será um profissional pleno em sua função pedagógica, na qualidade de organizador do processo ensino e aprendizagem.

É perceptível que o trabalho dos educadores no ambiente escolar, exerce função primordial na construção do aprendizado, pois é o educador que determinará os elos e as ligações frente aos seus alunos, podendo colaborar de modo benéfico ou não no transcorrer desse processo.

Desta forma é fundamental que o ato de pensar seja algo que nos leva por direções que propiciam o desenvolvimento e autonomia de sonhar, de produzir e de pensar. É através do pensar que há oportunidade de dominar, compreender e aperfeiçoar a realidade.

Ao refletir sobre a questão do ensino aprendizagem, Freire destaca sobre o domínio que o educador necessita possuir para ensinar, não sendo certo um vínculo transigente e ambíguo diante do conteúdo de ensino. A respeito dessa questão ele revela:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado (FREIRE, 2003, p. 79).

Portanto, o grande enfrentamento do educador é, pela formação definitiva, procurar incentivos teóricos e práticos, para a prática do ensino, para o entendimento de que o conteúdo a ser ministrado é um resumo da humanidade, e que ao ser apreciado como interessante, leva o aluno a seguir por ele, suscitando inquietações que o fazem prosseguir ainda mais, ou seja, ele se sentirá motivado a querer aprender mais.

Em se tratando do ato de conhecimento, esse ocorre numa triangulação enriquecedora entre educador, educando e o conteúdo. Portanto, o ensinar e o aprender não constituem uma relação direta sujeito-objeto, mas se prolongam, sendo no fundo, uma relação sujeito-objeto-sujeito.

A relação de conhecimento não termina no objeto, ou seja, a relação não é a do sujeito cognoscente (ou a do sujeito que conhece) com o objeto cognoscível (ou com o objeto que pode ser conhecido). Essa relação se prolonga a outro sujeito, sendo, no fundo, uma relação sujeito-objeto-sujeito, e não sujeito-objeto (SOUZA, 2010, p. 135).

De sua própria experiência, Freire retira as características que o professor deve desenvolver, como por exemplo, a dialogicidade, como já dito. Essa deve ser o começo de tudo, a humildade, o respeito muito grande à capacidade do aluno; deve desenvolver uma relação também de profundo respeito, afetuosa, quase amorosa, com o tema a ser trabalhado com o educando (FREIRE, 1997).

É importante, que a escola, esteja preparada a propagar uma educação que leve a reflexão e ao surgimento do pensamento crítico e consciente, pois é uma entidade que possui indivíduos que trabalham com a educação. É de competência da escola não apenas ajudar no processo de assimilação de conhecimentos intelectuais, possibilitar o diálogo entre as pessoas.

Durante todo o processo de aprendizagem é preciso enfatizar a importância de aprender e ensinar a lutar; é preciso descobrir um novo mundo. É incontestável que tenha uma meditação e discussão diária frente à existência humana, com o intuito de averiguar e obter as intenções mais tranquilas e significativas do ato de educar. Em se tratando de tal questão Saltini (2009, p. 48) destaca que, “educar significa também, aprender e ensinar a lutar, aprender e ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência”.

Assim, o educador se colocar como um coparticipante da sala de aula, numa relação essencialmente dialógica e amorosa, é uma opção político-pedagógica. E assim, assumir professor, educador democrático, que está com os educandos, e que saindo, deixará muitas saudades. Freire declara: “acho que essa capacidade de compreender, entender e amar as crianças é absolutamente indispensável à prática pedagógica” (BARRETO, 1998, p. 82).

Para que a prática do professor ocorra de maneira competente e expressiva é fundamental que ele tenha vitalidade e esteja atualizado frente às mudanças diárias. Apesar de conhecer determinadas questões deve estar preparado para perceber os alunos e o meio que convive.

O verdadeiro educador deve vibrar no momento que está explicando algo a seus alunos, ter paixão por cada momento com eles e demonstrar isso; nunca discriminar o aluno, pois este levará tal situação para o resto da vida. “Ele deve ser participativo e mostrar que tem responsabilidade de conduzir um processo de crescimento humano, de formação de cidadãos, de fomento de novos líderes” (WENZEL, 2004, p. 34).

Para Freire também destacava sobre a formação de professores como um dos eixos centrais da escola, desde a necessidade de atualização tecnológica do professor e da escola, quanto da necessidade de encontros, de estudos, de avaliação da prática, da necessidade de se conhecerem, de trocarem experiências. Refletindo sobre a prática de todos, fará teoria dessa prática.

Destaca também a necessidade de que esses encontros não se restrinjam à escola: “Os professores poderiam reunir por disciplinas, por problemas gerais, e ao mesmo tempo tentar uma vinculação da escola, não apenas com as famílias, mas com as instituições da área, discutindo a problemática político-pedagógica dessa área” (FREIRE, 1982, p. 48).

As condições materiais da escola são essenciais para que esta desenvolva sua função social e política, e Freire em sua obra *Sobre educação: diálogos*, ele fala sobre o descaso com as condições materiais da escola, que faltam condições mínimas, como escolas caindo, isoladas de instrumentos, de materiais, de companheirismo, de encontros em que se fizesse a análise da prática, por exemplo, além do despreparo do professor, da falta de apoio a seu trabalho pedagógico.

Freire também destaca na educação o fator disciplina. Na experiência com o pai, Freire vivencia o ‘senso da disciplina’, conceito que vai desenvolver quando diz que a disciplina é absolutamente fundamental, desde que seja a expressão de uma relação harmoniosa entre polos contraditórios, que são a autoridade e a liberdade.

Quando essa contradição vira antagônica, a disciplina deixa de existir: ou porque em lugar dela está havendo licenciosidade, que seria então a ruptura desse equilíbrio em favor da liberdade, que deixa de ser liberdade e vira licença; ou em favor da autoridade, que deixa de ser autoridade e vira autoritarismo (FREIRE, 2001, p. 19).

O autoritarismo da escola, desde a primária à universitária, se reflete nos procedimentos, nos comportamentos, quando se estimulam posições passivas nos educandos; nas palavras de Freire, é o autoritarismo da transferência de um conhecimento parado, como se fosse um pacote que se estende à criança, em lugar de convidá-la a aprender a aprender, em lugar de convocá-la para, atuando, pensar e, atuando e pensando, conhecer, incorporar, criar, produzir o seu conhecimento.

De acordo com Freire, não se pode negar, em nome de uma cega disciplina intelectual, a espontaneidade, a expressividade, a inventividade, a capacidade de criar o já criado. Por outro lado, não se pode prescindir da disciplina em nome da licenciosidade, um ir não saber para onde.

E finalmente termina esse capítulo revelando que, talvez a educação seja um dos caminhos mais seguros para uma transformação efetiva: um caminho para o bem comum, para uma sociedade mais justa e uma vida mais digna.

Entretanto, quando se comenta sobre educação, não se menciona uma escola comum, mas sim a uma instituição envolvida tanto com o conhecimento e o ensinamento de certos valores imprescindíveis, voltados à convivência democrática, a maturidade da cidadania, e essencialmente ao compromisso do educador de modo estável e eficaz.

CONSIDERAÇÕES

Paulo Freire nasceu e cresceu em uma época em que havia um fervor político e cultural nacional e mundial. Politicamente havia movimentos no Brasil, como o Movimento Tenentista e mundialmente, o término da Primeira Guerra Mundial, e posteriormente o início da Segunda Guerra Mundial; já culturalmente a expansão da eletricidade, rádio, telefone, informações, cinema; um desenvolvimento industrial e capitalista grandioso, enfim um período de inovações e tumultos.

Na adolescência perdeu o pai, ficando juntamente com os irmãos aos cuidados de sua mãe. Período esse, de muito sofrimento tanto pela saudade de seu pai, como pelas mazelas que enfrentou com a família.

Seus estudos, um pouco tardio, com o auxílio de sua mãe; para estudar em um colégio melhor, ocorreram por meio de muitas dificuldades, mas conseguiu ingressar para estudar Direito. Curso esse, o qual realizou; mas não exerceu por falta de vocação, até porque sua vocação foi descoberta quando se casou com a primeira esposa, Elza, uma professora primária e alfabetizadora.

A vocação de Paulo Freire foi ser educador, e diante dessa vontade realizou inúmeras transformações no modo de alfabetizar e passar conhecimentos tanto para criança, como principalmente para jovens e adultos, que era seu público predileto.

Em meio a tanto que fez pela Educação no Brasil, Freire fundou o renomado, Instituto Capibaribe, o qual está em perfeito funcionamento e considerado como uma Instituição Educacional de qualidade; realizou campanhas como “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, teve o cargo de coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, sendo que nesse período ampliou suas ideias com a meta de alfabetizar 5 milhões de adultos. Além disso, escrevia obras como *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, *A Educação na Cidade*, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, *Professora sim, tia não*, dentre outros, sendo que praticamente todos traduzidos em outras línguas para diversos países, levando suas ideias e inovações de uma Educação de qualidade.

Diante de toda a sua riqueza cultural e realizações foi adquirindo prêmios e conquistas dentro e fora do Brasil, sendo conhecido como o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas, tamanha conquistas e luta pela educação pública popular e democrática estampadas em suas obras.

Durante o seu exílio viajou e trabalhou em países; como os Estados Unidos, Bolívia, Chile, Genebra, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, Austrália, Itália, Nicarágua, Ilhas Fiji, Índia e Tanzânia, sendo que em todos os países, trabalhou em prol da educação e repassou suas ideias.

Morreu em 2 de maio de 1997, há quase vinte anos; deixando que na verdadeira Educação e de qualidade, não basta somente alfabetizar, mas levar a criança, o jovem e adulto a pensar, compreender o que se está lendo, o que se está aprendendo.

Freire queria também que no país houvesse menos analfabetos e para isso o interessante seria que o professor elaborasse técnicas de alfabetizar condizentes com a leitura de mundo, experiências e a realidade do educando. Era por meio da realidade do educando que ele seria alfabetizado, que ele iria ler e escrever, pois somente assim haveria motivação. Tais preceitos são ainda mais importantes para o jovem e o adulto que nunca foi à escola, que não tiveram oportunidade de estudar, de serem alfabetizados, de terem perspectiva de fazerem um Curso Superior. Portanto, nada melhor que o professor alfabetizar e ensinar baseando-se na realidade do educando. Diante disso, Freire não gostava de cartilhas, via-as como algo pronto e com textos com conteúdo longe da realidade dos educandos, que não traziam nenhum benefício, nenhum incentivo em querer conhecer as letras.

Assim, em resposta a problematização posta em destaque no trabalho, atualmente, é possível a Educação seguir plenamente as teorias de Paulo Freire para que a mesma tenha mais qualidade, até porque as ideias do educador apesar de serem de décadas passadas, possuem um teor extremamente presente.

REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. **Bombas dos EUA devastam Hiroshima e Nagasaki com horror nuclear em 1945.** 2014. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/bombas-dos-eua-devastam-hiroshima-nagasaki-com-horror-nuclear-em-1945-13509628>>. Acesso em: 29 set. 2016.

ACERVO PAULO FREIRE. **Primeira Esposa de Paulo Freire.** 2016. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/185>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

ALIANO, L. **Pedagogia do Oprimido.** 2014. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/pedagogia-do-oprimido/10883>. Acesso em: 05 nov. 2016.

ANGELO, A. de. **A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância.** 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid==msc0000000092006000100001&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 out. 2016.

ÁREA MILITAR. **O Brasil na II Guerra Militar.** 2016. Disponível em: <<http://www.areamilitar.net/HISTbcr.aspx?N=136>> Acesso em: 07 set. 2016.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Arthur da Silva Bernardes.** 2016. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=39> Acesso em: 07 jan. 2017.

BARBOSA, A. de A. **A Educação na Cidade: Uma reflexão sobre a experiência administrativa de Paulo Freire na Secretaria de Educação em São Paulo-SP1.** 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY4.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores.** São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BARRETO, V. **Paulo Freire.** 2011. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/drycaaa/paulo-freire-7939679>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

BOLZAN, R. L. **Reconstruindo o passado.** 2016. Disponível em: <<http://www.reconstruindoopassado.com.br/2guerra1939.php>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 07 set. 2016.

BRASIL. **Lei n. 12.612, de 13 de abril de 2012.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12612-13-abril-2012-612708-publicacaoorigina1-135760-pl.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

BUNHOSA. **A Educação na Cidade.** 2016. Disponível em: <<http://www.bulhosa.pt/livro/educacao-na-cidade-a-paulo-freire/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

CARVALHO, de M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática**. 7. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2010.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: PrenticeHall, 2009.

CONSTANTINO, R. **Pedagogia do oprimido**: uma resenha devastadora do mais famoso livro de Paulo Freire. 2015. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.com/historico-veja/pedagogia-do-oprimido-uma-resenha-devastadora-do-mais-famoso-livro-de-paulo-freire/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

ESTANTE VIRTUAL. 2016. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

ETCHEVERRY, C.; MONTEIRO, C.; QUINTO, M.C.; CAMERA, P.; MASSIA, R. de S. **Fotografia, história e cultura visual**: pesquisas recentes. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012.

EVANGELISTA, S.R.M. **Título Honoris Causa**. 2015. Disponível em: <http://inppnet.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=123:curso-de-parapsicologia-aplicada&catid=87&Itemid=517 em: 30 nov. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Paulo Freire**. 2016. Disponível em: <<http://livraria.folha.com.br/livros/educacao-e-pedagogia/pedagogia-indignacao-paulo-freire-1015916.html/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 6. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP: 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Athos, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa/ São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. **A Importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Educação e mudança**. 30 ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. **Educação atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

_____. **Sobre educação**: diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. e MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, V. **Pedagogia Da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa - Paulo Freire. 2014. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAG2wAL/resumo-pedagogia-autonomia-paulo-freire>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GENTILI, P. **Paulo Freire e a história de um manuscrito**. 2014. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/paulo-freire-e-historia-de-um-manuscrito/26092014/>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

GIROUX, H. A cultura, poder e transformação na obra de Paulo Freire: rumo a uma política de educação. Artes médicas: Porto Alegre, 1997.

GONÇALVES, A.L. **Ecos da Segunda Guerra**. 2016. Disponível em: <<http://segundaguerra.net/sabres-polacos-contra-tanques-alemaes-a-realidade-por-tras-da-invasao-da-polonia-parte-i/>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

GUIMARÃES, T. **Educação básica ruim joga Brasil no grupo dos 'lanternas' em ranking de capital humano**. 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/educacao-basica-ruim-joga-brasil-no-grupo-dos-lanternas-em-ranking-de-capital-humano.html> > Acesso em: 30 ago. 2016.

HADDAD, S. SIQUEIRA, F. **Os desafios para garantir o direito à educação no mundo**. 2014. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/educacao/os-desafios-para-garantir-o-direito-a-educacao-na-agenda-pos-2015-4627.html> > Acesso em: 30 ago. 2016.

KULLOK, M. G. B. **Relação professor aluno**: contribuições à prática pedagógica. Maceió: Edufal, 2002.

LOCH, J. M. de P.; BINS, K. L. G; CHRISTOFOLI, M.C.P.; Vitória, M.I.C.; MORAES, S.C. de e HUERGA, S. **EJA: planejamento, metodologia e avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MINAYO, M.C.S. **O Conceito de Metodologia de Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MIORANZA, A. J. e ROËSCH, I. C. C. **A diversidade cultural no cotidiano da sala de aula**. 2010. Disponível em: <<http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/30.pdf>> Acesso em: 02 set. 2016.

NOGUEIRA, P. **Por que os Estados Unidos bombardearam Hiroshima?** 2013. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/por-que-os-eua-bombardearam-hiroshima.html>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

PAIVA, V. **Paulo Freire é terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo**. 2014. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/06/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1991.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. 13 edição. São Paulo. Cortez, 2003.

PROJETO MEMÓRIA. **Paulo Freire: educar para transformar**. 2016. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/02_biografia_juventude_e_universidade.html>. Acesso em: 28 set. 2016.

SALTINI, C. J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 2009.

SANTOS, A. R. S. S. **Pedagogia da Indignação: uma análise sobre o currículo escolar na formação da identidade e da alteridade**. 2013. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/pedagogia-da-indignacao-uma-analise-sobre-o-curriculo-escolar-na-formacao-da-identidade-e-da-alte.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SIGNIFICADOS. Gnosiologia. 2016. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/gnosiologia/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

SILVA, L. A. Contribuições de Paulo Freire para a educação. 2014. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Contribui%C3%A7%C3%B5es-de-Paulo-Freire-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SILVA, M. da C. N.; BRAGA, M.M.S. de C. Paulo Freire no SESI: uma década marcada por reencontros, experiências vividas e construção de novos conhecimentos. 2013. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0ahUKEwjWr_7T2sHRAhXCkpAKHcV4BHgQFggxMAQ&url=http%3A%2F%2Fcoloquio.paulofreire.org.br%2Fparticipacao%2Findex.php%2Fcoloquio%2Fviii-coloquio%2Fpaper%2Fdownload%2F456%2F261&usg=AFQjCNEuRIZTeZwJC1dh9sAnOuUzrhbDQA>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUSA; M. V. de; ALMEIDA, A. L. de. **Viva a experiência de angicos: Paulo Freire e a educação popular um ensaio sobre a vitória dos vencidos.** 2012. Disponível em: 07 jan. 2017.

THE FREIRE PROJECT. **Fotos de Paulo Freire.** 2016. Disponível em: <<http://www.freireproject.org/resources/photos/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSITARIUS. **Pedagogia da Esperança.** 2016. Disponível em: <<https://universitariuslivraria.wordpress.com/2011/04/02/livros-disponiveis-para-pronta-entre-ga-12/pedagogia-da-esperanca-7/>>. Acesso em: 01dez. 2016.

WENZEL, R. L. **Professor:** agente da educação? Campinas: Papirus, 2004.

ZEVIANI, R. U. **Rebeliões Tenentistas- 1922 a 1924.** 2014. Disponível em: <http://www.paginadahistoria.com.br/exibe_historia_brasil/56/20.14-rebeli-ies-tenentistas---1922-a-1924.html>. Acesso em: 07 jan. 2017.

ANEXO

LEI Nº 12.612, DE 13 DE ABRIL DE 2012.

Diário Oficial da União nº 73, de 16 de Abril de 2012 (segunda-feira) – Seção 1 –
Atos do Poder Legislativo

LEI Nº 12.612, DE 13 DE ABRIL DE 2012.

Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O educador Paulo Freire é declarado Patrono da Educação Brasileira.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 13 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF
Aloizio Mercadante